

**29º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA - 2018
BELMONTE**
27 - 30 MARÇO



BELMONTE
câmara municipal

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

EMPRESA MUNICIPAL DE BELMONTE

belmonte sinal

ACORES

SATA

CULTURA



**29º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA - 2018
BELMONTE**
27 - 30 MARÇO



29º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 27-30 março 2018 Belmonte, Portugal



Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2018

WWW.LUSOFONIAS.NET

1. ÍNDICE GERAL

- 1.1. [HISTORIAL](#)
- 1.2. [O QUE É A LUSOFONIA](#)
- 2. [TEMAS](#)
- 3. [COMISSÕES](#)
- 4. [INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO](#)
- 5. [BIODADOS DOS PATRONOS](#)
- 6. [HOTEL](#)
- 7. [HORÁRIO](#)
- 8. [LISTA DE PARTICIPANTES](#)
- 9. [BIODADOS DOS PARTICIPANTES](#)

1.1 HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (após 28 colóquios da lusofonia)

1.2. O QUE É A LUSOFONIA, nos 20 anos da CPLP, julho 2017

"Não tenho culpa de ter nascido em Portugal e exijo uma pátria que me mereça" (Almada Negreiros)

Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias. (Pablo Neruda)

"Somos um grande povo de heróis adiados, partimos a cara a todos os ausentes...somos incapazes de revolta e agitação..." (Fernando Pessoa, "Obras em Prosa", Círculo dos Leitores, III vol. p. 292)

1. Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orients exóticos "Que o Sol em nascendo vê primeiro" [Divisa de Timor Português em eras coloniais] que mitos salazarentos criaram aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu. Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que nativos da mesma. Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes – talvez até maior do que somos, quem sabe? Agora que o grande desafio do século XXI nos confronta maior que um Adamastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a língua franca de todos os comércios do mundo. Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca de louvamixas ou encómios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro. É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anónimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio ambiente. Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrónicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa. Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas. Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que comunicamos dos Algarves D'el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, às Goas. Malacas e Macaus de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua. A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como. (in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002)

2. Surgiu há anos uma proposta do Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra para a criação de uma Cidadania da Língua Portuguesa (no Mundo) que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país como Portugal, marcado por tradicionalismos avessos a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas que outros idiomas que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos. Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial quererá isso implicar que ele vai suplementar as línguas nativas? Quando seremos capazes de admitir como lusofalantes que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição esta, para aqueles, que, segundo diz o escriba "deram novos mundos ao mundo". Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de ter uma língua viva com o mesmo futuro do esperanto. Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém – que não eu – terá de responder. Estas são questões fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país a que chamamos nosso, mesmo que o não seja. (in Lusofonia Agonia 1, Revista ELO on-line 2002-11-15)

3. Ximenes Belo, pediu em Bragança um maior investimento dos governos de Portugal e Timor-Leste no ensino da língua portuguesa aos timorenses. Para o Prémio Nobel da Paz, o futuro do português, que os timorenses adotaram como língua oficial, depende dos dois governos, português e timorense, porque "há, naturalmente, vontade de aprender, de conservar, mas por outro lado precisa-se de ajuda e de políticas para a manutenção da língua em Timor-Leste". "Tem havido apoio, mas é preciso investir mais e sobretudo investir nos timorenses, que haja mais professores de português, que haja mais bibliotecas, que haja, enfim, uma coisa intensa" disse, à margem da sessão de encerramento do IV Colóquio da Lusofonia, em Bragança, onde durante dois dias de debateu sobre a língua portuguesa em Timor-Leste. Para o antigo bispo de Dili "não chega" haver professores portugueses em Timor-Leste: "é preciso formar timorenses, é preciso criar bibliotecas, infraestruturas e, sobretudo, manter alguma rádio, televisão e diários para que se faça entrar a língua espontaneamente na mente das pessoas". D. Ximenes Belo recordou depois ao auditório que os timorenses continuaram a batizar os filhos com nomes portugueses e a rezar e cantar em português, mesmo durante a proibição, entre 1975 e 1999, mas disse que a ocupação indonésia deixou marcas. "Vocês querem que os timorenses falem a vossa língua, mas os timorenses apanharam bofetadas,

foram torturados por falarem a vossa língua", disse. A disputa também de outras línguas, nomeadamente o inglês, compreende-se, na opinião de D. Ximenes Belo, que recordou que Timor está numa zona com vizinhos como a Austrália, Filipinas, Singapura, Tailândia, Hong-Kong, onde as pessoas falam esta língua. "Mas Timor foi sempre parcela especial com ligação a Portugal e mantendo o português constituiu uma dimensão própria daquela pequena nação", considerou. Mesmo com o passado histórico de séculos de colonização portuguesa, D. Ximenes considera que o português não é tão fácil assim para os timorenses. "Os timorenses acham mais fácil o indonésio porque não tem conjugações, não é tão complicado como o português, mas é preciso apostar" afirmou. D. Ximenes Belo disse, no entanto, que a sua preocupação é que haja paz, tranquilidade e reconciliação em Timor e que os jovens tenham trabalho. HFT. LUSA. Transcrito de in A propósito do 4º colóquio da lusofonia, Revista Agália 2005)

4.
Na abertura do 2º Colóquio da Lusofonia, em outubro de 2003 em Bragança, tentei alertar contra os fundamentalistas de várias cores que visam preservar uma visão estética da língua portuguesa que se opõem a quaisquer inovações da língua e às alterações que o novo dicionário da Academia de Ciências veio introduzir. Por outro lado, começam a existir movimentos ativos que podem levar a que o Português na sua variante Brasileira se emancipe. Creio ser apenas uma questão de tempo (dada a ausência duma política da Língua por parte de Portugal) para que o Brasileiro seja declarado língua e nessa altura o Português (europeu) estará condenado pois os 10 milhões de habitantes mais uns tantos milhares na Galiza (variante Galega) não serão suficientes para fazer frente a uma língua autónoma como a Brasileira com cerca de 200 milhões de falantes. Das ex-colónias portuguesas não se poderá contar com muito apoio dado o exíguo número de pessoas (para além das elites políticas dominantes) que domina a língua de Camões. Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 7,5 milhões em 2050 contra os atuais 10,3 milhões. O que é preciso é que o povo se entenda, que os portugueses não se armem em detentores únicos da língua ou como temos ouvido como aqueles que falam o Português puro. Os tempos não estão para purezas nem para puritanismos, porque o português que se fala em Portugal varia da Bragança dos Colóquios aos Açores onde vivo atualmente. Todos falam Português e todos eles falam diferente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. São lusofalantes todos aqueles que têm o Português como língua seja ela língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar. Sejam eles nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos. A uniformização linguística, a redução a um mesmo denominador comum é castrante e limitadora. Ela inibe e retrai a natural expansão da língua e do conceito mais lato e abrangente da Lusofonia que professamos. O espaço dos Colóquios Anuais da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais dispareus ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendo pois creio que é a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, às Bermudas e à Índia. O Inglês é língua universal, mas continuou unido com todas as suas variantes. (in Mitos da Lusofonia, Jornal Primeiro de [janeiroJaneiro](#) fev 2006)

5.
Com a chegada em 2007 dos patronos Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) chegou a altura de passarmos a uma fase mais atuante da nossa intervenção, como membros da sociedade civil numa área que o poder político descura e evita. Apraz-nos dentro da nossa independência e subsídio-independência, constatar o apoio de alguns politécnicos e universidades, que vem premiar o esforço abnegado e dedicado duma mão cheia de pessoas que acreditaram na vitalidade dum projeto sem paralelo no âmbito da Lusofonia. Esta noção de Lusofonia abrangente sem distinção de credos, raças, nacionalidades ou outros fatores de distinção, tem-nos permitido congregar esforços e vontades, criando sinergias e desenvolvendo mecanismos em rede, sem paralelo. Falta apenas convencer os PALOP de que não somos nenhuma ameaça nem uma quinta coluna dum novo Império cultural, antes pelo contrário. Devemos aceitar a [Lusofonia e todas as suas diversidades culturais](#) sem exclusão que com a nossa podem coabitar. (in Diário de Trás-os-Montes novembro 2007)

6.
Ressalto do historial dos Colóquios da Lusofonia a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. *Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças.* Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua**. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de

Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofilia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.**

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Castelheiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia. Depois, acrescentamos como SÓCIOS HONORÁRIOS E PATRONOS DOM XIMENES BELO EM 2015 E EM 2016 JOSE RAMOS-HORTA (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto. A Academia Angolana ainda não se junta a nós no 28º colóquio como estava previsto por motivos internos, mas promete fazê-lo em breve. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais dispares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

J Chrys Chrystello preside à AICL-Colóquios da Lusofonia desde 2001

2. TEMAS

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM A Pedro Álvares Cabral
- 1.2. Autores locais
- 1.3. Naturais de Belmonte que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.4. Belmonte e o Brasil
- 1.5. Belmonte e os Judeus
- 1.6. Belmonte: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura
- 1.7. Outros temas locais

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo. Lusofonia e diásporas
- 2.2. Língua Portuguesa: Língua de Identidade e Criação.
 - 2.3. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
 - 2.4. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
 - 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono.

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.2. Arquipélago da Escrita (Açores) autor homenageado 2018 ANA PAULA ANDRADE
- 3.3. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínia da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.
- 3.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: .

Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, London;
Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London;
Henriques, Borges de F. (1867) A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard;
Orrico, Maria "Terra de Lídia";
Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";

Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim";

Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, vol. I, New York; London: Harper & Bros Publishers. (Açores, Faial), cap. V/VI; · Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp 11-37

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

4.1. Tradução de Literatura lusófona

4.2, tradução de e para português

3. COMISSÕES

COMISSÃO EXECUTIVA DO 29º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTO DA DIREÇÃO José Soares, Jornalista açor-canadiano

VOGAIS:

Joaquim Costa EMPDS

João Morgado Câmara Municipal de Belmonte

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ e Carolina Cordeiro (coordenadores AICL com Escolas)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS:

Rolf Kemmler (Academia das Ciências de Lisboa e UTAD)

José Soares, Jornalista (adjunto da direção da AICL)

VOGAIS:

Eng.º Joaquim Costa, (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Susana Miranda, (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Elisabete Manteigueiro, (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Marco Santos Silva (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ e Carolina Cordeiro (coordenadores AICL com Escolas)

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL TRIÉNIO 2017- 2020

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Professor Doutor Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, UTAD, Vila Real, Portugal
4. Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal
5. Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal
6. Professor Doutor Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)
7. Doutor Miguel Real, Investigador, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas Universidade de Lisboa, Diretor da Revista do CLEPUL
8. Mestre Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
9. Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores
10. Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores

4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO

NORMAS COMPLETAS Em <http://coloquios.lusofonias.net/XXIX/INSTR%20PUBL.pdf>

5. BIODADOS DOS PATRONOS DA AICL consultar em https://blog.lusofonias.net/?page_id=58597

6. HOTEL BELMONTE SINAI local do colóquio



Largo S. Sebastião 6250-023 Belmonte
geral@belmontesinaihotel.com
www.belmontesinaihotel.com

ver quartos em <http://belmontesinaihotel.com/galeria/> TODAS AS MARCAÇÕES DEVEM SER FEITAS APENAS PARA AICL@LUSOFONIAS .NET

» **Quarto single: 35,00€ quarto noite - » Quarto duplo: 50,00€ quarto noite - » Pequeno-almoço buffet incluído**

» **Reteições: 12,50€ pessoa** (MENUS POSSÍVEIS E SUGERIDOS) [consultar marcações de almoços e jantares aqui](#)

serviço de buffet com bebidas incluídas (água e sumos em garrafa e vinho nossa sugestão). **Bebidas de cápsula e digestivos não estão incluídos.**

ACOMODAÇÃO EM DETALHE:



- 2 Suítes Familiares, 1 Quarto adaptado para pessoas com mobilidade condicionada, 20 Quartos "twin", 7 Quartos com cama de casal
- Ar Condicionado, Fechadura Eletrónica de Segurança, Mesa de Trabalho com Telefone
- Quartos duplos, possibilidade de uma cama extra

Localizado em Belmonte, no seio de uma das mais emblemáticas comunidades judaicas da Península Ibérica, o Belmonte Sinai vem complementar a oferta turística direcionada para o turismo religioso judaico em Portugal. Além da proximidade com inúmeros atrativos turísticos da aldeia histórica, o Belmonte Sinai assume-se como o primeiro hotel e restaurante kosher do país, certificado de acordo com a lei judaica. Além do espaço gastronómico, a unidade dispõe de 24 quartos standard, 2 suítes e 1 quarto adaptado para pessoas com mobilidade reduzida. Todos os quartos estão equipados com ar condicionado, fechadura eletrónica de segurança, televisão com canais por cabo, mesa de trabalho com telefone, internet grátis e casa de banho equipada com chuveiro e secador de cabelo.

Todos os quartos têm a possibilidade de colocação de cama extra.

7.

[HORÁRIO consultar](#)

8. [LISTA DE PARTICIPANTES](#)

[LISTA DE ORADORES](#)

9. [BIODADOS ORADORES CONVIDADOS, PRESENCIAIS E OUTROS ASSOCIADOS](#)

1. ADRIANO MOREIRA, PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS DA ACADEMIA DAS CIÉNCIAS DE LISBOA, PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA CONVIDADO CMB



10º colóquio Bragança 2008



11º colóquio Lagoa 2009

ADRIANO JOSÉ ALVES MOREIRA¹ -

1 O advogado e a política

Inicia a sua carreira como jurista no Arquivo Geral do Registo Criminal e Policial, em 1944. Posteriormente, em 1947, é admitido no departamento jurídico da sucursal em Portugal da General Electric. Ao mesmo tempo que integra esta multinacional, realizou o estágio de advocacia, junto de Teófilo Carvalho dos Santos.

Advogado geral de todas as empresas da General Electric, chegaria a vice-presidente do Conselho de Administração do grupo, onde pontificava Bacelar Bebiano, ex-ministro.

Enquanto jovem, começa por ser simpatizante da Oposição Democrática, assinando inclusive uma lista do Movimento de Unidade Democrática (MUD), em 1945.

Em 1948, acompanha Teófilo Carvalho dos Santos no patrocínio da família do general José Marques Godinho, no processo interposto contra o Ministro da Guerra, Fernando dos Santos Costa, por homicídio voluntário.

Por causa desse patrocínio, acaba preso no Aljube, onde é companheiro de cela de Mário Soares, que ali se encontrava preso também por motivos políticos.

Contudo, o passar dos anos e o estudo das teses lusotropicalistas levam-no a aproximar-se do regime do Estado Novo; mesmo mantendo relações de amizade com antissalazaristas históricos, como Fernando de Abrechus Ferrão e Acácio de Gouveia, além do já referido Carvalho dos Santos.

O professor

Concorreu a professor na Escola Superior Colonial, atual ISCPSP, onde viria a ascender a diretor.

Contribuindo largamente para a reforma do ISCPSP, iniciou neste instituto o estudo de ciências como a sociologia, a ciência política, as relações internacionais e ciências associadas a estas, como a Estratégia e a Geopolítica — dando, assim, continuação ao projeto da Sociedade de Geografia de Lisboa, para a construção de uma instituição formadora dos quadros administrativos coloniais.

O político do Estado Novo

Salazar chamou-o para Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, em 1959, e para Ministro do Ultramar, em 1961, cargo em que se manteve até 1963.

Foi, juntamente com Manuel Sarmento Rodrigues, um dos responsáveis diretos pela introdução institucional, nos anos 1950, do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre no ideário do Estado Novo e nos meios universitários portugueses.

Na sua ação como governante — coincidindo com a eclosão da Guerra Colonial em Angola — viria estabelecer uma política reformista, que teve como principal marca a abolição do Estatuto do Indígena (que impedia a quase totalidade dos habitantes das colónias de adquirir a nacionalidade portuguesa) permitindo a esses indígenas aceder à cidadania portuguesa, usufruindo do direito a fixarem-se e circularem em todas as parcelas do território nacional e também do acesso à educação.

Levou também a cabo a adoção de um Código de Trabalho Rural; criou escolas do Magistério Primário; fundou o ensino superior nas colónias, ao fazer arrancar os Estudos Gerais Universitários, em Angola e Moçambique.

Salazar manifestou-lhe posteriormente que não podia concordar com várias das suas políticas, afirmando-lhe que mudaria de ministro se não as alterasse.

Segundo conta o próprio, Salazar então comunicou-lhe que «Vossa Excelência acaba de mudar de ministro».

Entrevistado pela RTP2 em 2014, afirmaria que "Salazar já estava ultrapassado no seu tempo".

Apesar da intenção reformista, a sua ação e a sua defesa da tese lusotropicalista não são isentas de controvérsia; até porque o seu ministério coincidiu com a eclosão da guerra. Por isso, afirma o historiador brasileiro João Alberto da Costa Pinto, foi nesse período que se deu a organização, a partir de 1961, da resistência armada das tropas portuguesas contra os primeiros levantes nacionalistas das colónias e a instituição em Angola das práticas repressivas da PIDE, alegação que Adriano Moreira recusa na sua autobiografia.

O Campo de Trabalho de Chão Bom

Através da Portaria n.º 18539, de 17 de junho de 1961, assinada pelo Ministro do Ultramar Adriano Moreira ao abrigo dos artigos 4.º e 5.º do Decreto n.º 43600, de 14 de abril de 1961, foi criado, em Chão Bom (Ilha de Santiago, Cabo Verde), um campo de trabalho. O Decreto n.º 43600, de 14 de abril de 1961, assinado pelo Ministro do Ultramar Vasco Lopes Alves, deu execução ao Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954:

Autorizando a construção na ilha de Santo Antão (Cabo Verde) de um estabelecimento destinado ao cumprimento das medidas de tutela previstas no artigo 3.º do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954 (artigo 1.º).

O corpo do artigo 3.º do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954, estabelece o seguinte: «As penas maiores e as medidas de segurança serão cumpridas nos estabelecimentos especialmente construídos para tal efeito, em conformidade com o disposto no Decreto Lei n.º 26643.»

Prevendo que «em cada província, e conforme as necessidades, poderão ser instituídos estabelecimentos provisórios para os fins do capítulo II do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954 (artigo 4.º);

O capítulo II do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954, tem como título «Dos indígenas» e estabelece no seu primeiro artigo (8.º) o seguinte: «Os estabelecimentos prisionais privativos dos indígenas destinam-se à detenção e ao cumprimento da pena de trabalhos públicos ou de trabalho correccional.»

Determinando que compete ao Ministro do Ultramar regulamentar, por portaria, os estabelecimentos nele previstos (artigo 5.º).

Estranhamente, a portaria não refere onde se situa a localidade de Chão Bom. O Campo de Trabalho de Chão Bom foi colocado a funcionar onde anteriormente tinha funcionado o Campo do Tarrafal. Além do campo de trabalho de Chão Bom, na ilha de Santiago, em Cabo Verde, criou igualmente o campo de trabalho de Missombo, através da Portaria n.º 18702, de 24 de agosto de 1961.

O político após a Revolução do 25 de abril

Após o 25 de abril, Adriano Moreira aderiu ao Partido do Centro Democrático Social, sendo seu deputado à Assembleia da República.

Foi igualmente presidente deste partido de 1985 a 1988 e, interinamente, de 1991 a 1992. Foi deputado à Assembleia da República até 1995, quando renunciou ao mandato. Desde então, recebe uma subvenção vitalícia mensal do Estado, destinada a ex-titulares de cargos políticos, no valor de 2 685,53 euros (com redução parcial por imposição legal). Em 2015, foi indicado pelo CDS-PP para o Conselho de Estado.

Família

Casou em Sintra, São Martinho, a 30 de agosto de 1968, com Isabel Mónica Maia de Lima Mayer (Lisboa, Mercês, 2 de agosto de 1945), filha de Bernardo de Lima Mayer (Sintra, São Martinho, 16 de junho de 1918 - ?) e de sua mulher Maria Isabel de Carvalho Maia (Lisboa, Mercês, 2 de fevereiro de 1923), cujo avô paterno tinha ascendência Judaica Asquenaze e Sefardita e cuja avó paterna era de origem irlandesa e prima-tia em segundo grau de Fernando Ulrich.

O casal teve seis filhos e filhas, uma das quais é a deputada à Assembleia da República Isabel Moreira, eleita pelo Partido Socialista.

Legado teórico-metodológico

Segundo Marcos Farias Ferreira (Cristãos & Pimenta, A via média na Teoria das Relações Internacionais de Adriano Moreira, Almedina, Coimbra, 2007), a obra de Adriano Moreira seria tributária de uma escola racionalista apoiada em vultos como Grotius, Vitoria e Suárez, e teria construído uma via intermédia relativamente às diferentes correntes idealistas e realistas no estudo académico de Relações Internacionais (RI), a par de Raymond Aron e dos autores da escola inglesa de RI como Martin Wight, Hedley Bull e Herbert Butterfield, assente na tensão normativa entre sociedade e comunidade internacional.

Cargos políticos

Membro da delegação Portuguesa na ONU (1957-1959) - independente

Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina (1960-1961) - independente

Ministro do Ultramar (1961-1963) - independente

Presidente do CDS (1986-1988 e, interinamente, 1991-1992)

Deputado da Assembleia da República (1979-1991) - CDS-PP

Vice-presidente da Assembleia da República (1991-1995) - CDS-PP

Eleito para o Conselho de Estado em 18 de dezembro de 2015

Curador Honorário da Fundação Oriente.

Atual Curador da Universidade Cândido Mendes.

Presidente honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Preside e fundou a Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Preside internacionalmente ao Centro Europeu de Informação e Documentação (CEDI).

Preside ao Conselho de Fundadores do Instituto D. João de Castro.

Preside à assembleia-geral da Associação Portuguesa de Ciência Política,

Preside ao Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior (desde 1998).

Foi cofundador do Movimento da União das Comunidades de Língua Portuguesa e presidiu aos seus dois primeiros congressos em Lisboa e Lourenço Marques.

Sócio e membro do Conselho Supremo de Sociedade Histórica da Independência de Portugal

Sócio Honorário do Movimento Internacional Lusófono (MIL).

Prémio Personalidade Lusófona 2012, concedido pelo Movimento Internacional Lusófono (MIL).

Membro do Instituto de Estudos Políticos de Vaduz, do Movimento Pan-europa de Coudenhove-Kalergi, do Conselho da Fundação Luís Molina da Universidade de Évora,

Diretor do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação Científica do Ultramar;

Membro do Concílio de Honra da Matriz Portuguesa - MPADC - Associação para o Desenvolvimento da Cultura e do Conhecimento.

Prémios e distinções

Distinguido com o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa, pelo seu estudo O Problema Prisional do Ultramar, em 1953.

Condecorações

 Comendador da Ordem Militar de Cristo de Portugal (5 de setembro de 1957)

 Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal (3 de janeiro de 1961)

 Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo de Portugal (19 de dezembro de 1962)

 Medalha de Ouro de Serviços Distintos da Marinha de Portugal

 Medalha de Mérito Aeronáutico de Portugal

 Medalha de 1.ª Classe da Defesa Nacional de Portugal

ComC • GCC • MOSD • GCSE • GOIH • GCIH. Nasceu em Grijó de Vele Benfeito, Macedo de Cavaleiros, filho do polícia António José Moreira (31/7/1898 – 13/10/1991) e de sua mulher Leopoldina do Céu Alves (3/12/1905 – 17/3/1987), licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em 1944, possuindo o doutoramento na mesma área pela Faculdade de Direito da Universidade Complutense de Madrid, é advogado, professor universitário de ciência política e relações internacionais e político português.

Estadista e notável estudioso de assuntos de política internacional, destacou-se pelo seu percurso académico e pela sua ação na qualidade de Ministro do Ultramar, durante o Estado Novo, ao pôr em prática as teses do lusotropicalismo e ao fazer aplicar uma série de reformas.

Foi sob o seu Ministério que foi abolido o Estatuto do Indigenato, que foi aprovado o Código de Trabalho Rural (considerado pela OIT como um dos mais avançados à época) e abolido o regime de contratação.

Foi Presidente do Centro Democrático Social (1986-1988 e, interinamente, 1991-1992).. Destacou-se como Professor - área de Relações Internacionais - no Instituto Superior Naval de Guerra, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade Aberta, Universidade Internacional, Universidade Católica Portuguesa e é Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa.

É ainda Professor Honorário da Universidade de Santa Maria.

-
-  Medalha de 1.ª Classe de D. Afonso Henriques do Exército de Portugal
 -  Royal Victorian Order da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte
 -  Grã-Cruz da Ordem de Isabel a Católica de Espanha (18 de julho de 1961)[22]
 -  Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul do Brasil
 -  Grã-Cruz da Ordem de São Silvestre Magno do Vaticano ou da Santa Sé
 -  Cavaleiro Grã-Cruz da Ordem de África da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte
 -  Comendador da Ordem de Ouissam Alaoui de Marrocos (6 de fevereiro de 1992)
 -  Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada de Portugal (10 de junho de 1992)
 -  Medalha de Mérito Cultural de Portugal (9 de fevereiro de 2004)
 -  Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal (9 de outubro de 2017)

Principais obras

- Direito Corporativo (Lisboa, 1950)
- Política Ultramarina (Lisboa, 1956)
- Ideologias Políticas (Lisboa, 1964)
- O Tempo dos Outros (Lisboa, 1968)
- Política Internacional (Porto, 1970)
- A Europa em Formação (Lisboa, 1974)
- Saneamento Nacional (Lisboa, 1976)
- O Drama de Timor (Lisboa, 1977)
- Legado Político do Ocidente - Colaboração - (São Paulo, 1978)
- Ciência Política (Lisboa, 1979)
- Direito Internacional Público (Lisboa, 1983)
- Teoria das Relações Internacionais (Coimbra, 1996)

Referências

- Caminhos da Memória
- Caminhos da Memória
- Caminhos da Memória

Biblioteca Adriano Moreira

Costa Pinto João Alberto da, "Gilberto Freyre e o Lusotropicalismo como ideologia do Colonialismo português (1951–1974), Revista UFG / junho 2009 / Ano XI nº 6 [1]

Espuma do Tempo. Memórias do Tempo de Vésperas, Almedina Ed. 2009.

Doutor honoris causa pela Universidade de Aveiro, Universidade Aberta, Universidade da Beira Interior, Universidade dos Açores, Universidade Federal do Amazonas, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Pernambuco.

Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Internacional de Direito e Economia de São Paulo, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de Marinha, da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas e da Academia Portuguesa da História.

Tema 2.1. A Lusofonia e o mundo de ruturas, ADRIANO MOREIRA, Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa

O historiador Roger Crowley, que escreveu um livro brilhante e sério sobre o tema – *How Portugal Seized the Indian Ocean and Forged the First Global Empire* (2015), recentemente traduzido para português, depois de uma rigorosíssima investigação sobre o processo com que inscreveram o seu lugar na história mundial, homens como o Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, escreveu o seguinte:

“...os portugueses iniciaram infindáveis interações mundiais, tanto benignas como malignas. Trouxeram armas de fogo para o Japão e astrolábios e feijão-verde para a China, escravos africanos para as Américas, chá para Inglaterra, pimenta para o Mundo Novo, seda chinesa e medicamentos indianos para todo o continente europeu e um elefante para o Papa. Pela primeira vez, os povos de lados opostos do planeta puderam ver-se, tornando-se alvo de descrições e espanto”. Esta referência, repetida por vários analistas, não é ao globalismo de hoje que se refere, consequência da flexibilidade da semântica.

Em relação a este primeiro sentido, que o Sunday Times anunciou como sendo “o relato empolgante da ascensão de tal Portugal a Império Mundial”, termina, com humor e ao mesmo tempo resignado, escrevendo: “Hoje, em Belém, perto do túmulo de Vasco da Gama, da estátua do impaciente Albuquerque e da costa da qual os portugueses zarparam, há uma pastelaria e café venerável, a antiga Confeitoria de Belém. É talvez um altar em homenagem à influência mais benigna de Portugal na aventura global.”

ADRIANO MOREIRA FOI CONVIDADO DE HONRA DO 10º COLÓQUIO (BRAGANÇA 2008) FRUTO DO QUAL ACABARIA POR DOAR O SEU ESPOLIO À CÂMARA LOCAL QUE CRIOU A BIBLIOTECA MUNICIPAL ADRIANO MOREIRA E FOI CONVIDADO DA CÂMARA MUNICIPAL DA LAGOA NO 11º (2009).

DESLOCA-SE AO 29º COLÓQUIO COMO CONVIDADO DE HONRA DA CÂMARA DE BELMONTE

2. AFONSO TEIXEIRA FILHO, USP, BRASIL, AICL



AFONSO TEIXEIRA FILHO, brasileiro, casado, 54 anos. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e pós-doutorando em Teoria da Tradução pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Defendeu Tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce. É tradutor profissional, tendo exercido até há pouco, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven (Lovaina), Bélgica. Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Romântica, sobre o romance ibérico.

Tema 4.2. Critérios para a tradução do intraduzível Afonso Teixeira Filho USP BRASIL

O último romance de James Joyce, *Finnegans Wake*, foi escrito em uma linguagem quase indecifrável calcada no inglês. Nele, misturam-se 63 línguas, criando termos híbridos, trocadilhos e outros jogos verbais entre línguas de subgrupos diferentes. O autor fez uso de processos naturais de formação de palavras em inglês, como a aglutinação.

A maioria das traduções para as línguas românicas buscou traduzir os termos joyceanos seguindo os mesmos processos de criação verbal utilizados pelo autor. No entanto, a aglutinação não é um processo comum às línguas românicas. E é ele que ocorre em abundância nas traduções para as línguas românicas.

Joyce utilizou esse mesmo processo ao traduzir para o francês o capítulo VIII do romance. Percebeu, porém, que isso não funcionava. Posteriormente, ao traduzir a mesma passagem para o italiano, optou por uma técnica diferente, atenta aos sons do italiano e seus processos de formação de palavras. O resultado foi um texto que preservava a musicalidade do original e a fluência do italiano.

Em nossa tradução do primeiro capítulo da obra, utilizamos um critério semelhante ao da tradução feita por Joyce para o italiano. Mas se tratava de um texto em português. Onde, no original, houvesse hibridismos de línguas germânicas, na tradução haveria hibridismos de línguas latinas. Para isso, valemo-nos das línguas itálicas, do catalão, do occitano, do mirandês, do romeno, de regionalismos galegos, etc. E também de línguas de subfamílias distantes, mas sempre buscando termos que tivessem certa proximidade fonética com o português.

O critério utilizado em nossa tradução diferencia-se de todos os outros, pois foi o único que buscou preservar os aspectos semânticos, ao mesmo tempo que buscava trasladar os aspectos fonéticos do texto.

Para esse XXIX Colóquio da Lusofonia, pretendemos apresentar essa tradução, mostrar como foi elaborada, quais foram os seus resultados e qual foi a sua recepção.

É SÓCIO DA AICL

JÁ PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, 27º BELMONTE 2017

3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO E AICL



BRAGANÇA 2010



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



Graciosa 2015

Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid. É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho direutivo. Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega. Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa. É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta. É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego). Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial. É master em Gestom da Formaçom de Qualidade pola UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pola USC. Nos anos 2000 a 2005 fez parte da Comissom Geral de Formaçom Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federaçom Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP). É membro do Comité Latino-americano de Administraçom para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ. Tem publicado sobre direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso, trabalha nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

TEMA 2.9 O Afonso Henriques de José Mattoso. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO

José Mattoso está conceituado como um dos mais grandes historiadores medievalistas portugueses; os seus trabalhos, sobre todo aqueles que se centram em pesquisa muito determinada e bem estabelecida no espaço e no tempo, som de incomparável qualidade, porém quando os seus trabalhos são gerados no quadro do historicismo, no sentido que lhe atribui Raymond Aron a esse conceito, a história, a construção historiográfica de José Mattoso, é dependente do modelo historiográfico castelhano, e mais que achegar dados, insere os dados no seu construto ideológico de Portugal. A sua obra Afonso Henriques é a última da sua produção e viu a luz no quadro dos 900 anos do primeiro rei do reino, não sendo a única sobre a matéria, o que nos permite fazer algumas comparações.

- Afonso Henriques como motor gerador da nacionalidade portuguesa. Quais os alicerces da nacionalidade na obra.
- Esses alicerces a luz de outros textos de José Mattoso, ou desvendando a construção ideológica que se faz.
- O seu Afonso Henriques e alguns outros Afonsos Henriques

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, VILA DO PORTO 2018

4. ALEXANDRE LUÍS, UBI



Seia 2013-2014

Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá. É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Geraldes Freire*. Obteve os graus de Mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de Doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na UC. É Professor Auxiliar na Universidade da Beira Interior, onde desempenhou as funções de Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras, de Diretor do Mestrado em Estudos Ibéricos, Membro do Conselho Científico da FAL, do Conselho da Faculdade e de várias Comissões Científicas de cursos (continua a integrar as Comissões Científicas dos Mestrados em Ciência Política e em Estudos de Cultura). É Investigador Integrado do PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura (UBI) e Colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura (UC) e do LabCom – Comunicação e Artes (UBI). É Académico Correspondente da Classe de História Marítima da Academia de Marinha e Sócio da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Membro da Comissão Científica da Revista *Egitania Sciencia*, Instituto Politécnico da Guarda, do Conselho Científico da Revista *TRIPLOV de Artes Religiões e Ciências*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Comissão Científica da revista *Cadernos Culturais*, Centro Cultural Eça de Queirós, da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões, da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa, do Conselho Editorial da Revista *Lusófona de Estudos Culturais*, Universidade do Minho, do Conselho Editorial da Revista ...à Beira, do Conselho Editorial da *UBILETRAS* e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Tem participado em numerosos eventos nacionais e internacionais. A sua lista de publicações é composta por livros, capítulos de livros, artigos, recensões e catálogos.

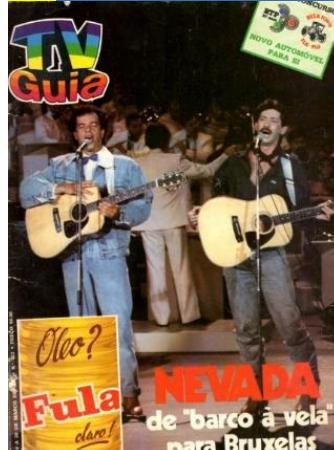
TEMA 2.9. A Integração do Brasil no Império: o período manuelino, Alexandre António da Costa Luís, Universidade da Beira Interior, PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura e AICL
[\(aluis@ubi.pt\)](mailto:(aluis@ubi.pt))

A presente comunicação incide sobre um período específico do processo de integração (e de óbvia construção) do Brasil no Império Português, identificando e sintetizando, neste caso, os passos mais relevantes que foram concretizados durante a época manuelina. Pelo seu alcance, podemos considerar que o período em apreço constituiu uma fase de natural aprendizagem e, portanto, ajudou a preparar a etapa decisiva que sucede no reinado de D. João III (1521-1557), altura em que sopram ventos de maior modernidade no Império e se passa, por fim, a promover uma colonização sistemática do Brasil, até em nome de uma resposta mais efetiva ao recrudescimento da cobiça estrangeira, mormente francesa. Assim, a nossa intervenção, focalizada, como se disse, no tempo de D. Manuel I (1495-1521), faz necessariamente alusão a matérias como o descobrimento da "Terra da Vera Cruz", a divulgação da descoberta, os esforços de apreensão do espaço, a exploração do litoral e do tráfego, merecendo particular atenção o contrato de arrendamento firmado com Fernão de Noronha e outros mercadores, a dinâmica de feitorização, a doação da ilha de São João, a primeira capitania hereditária do Brasil, e a criação das capitâncias do mar. Ou seja, seria errado afirmar-se que nesse período não existiu da parte da Coroa portuguesa qualquer preocupação com a integração da "Terra da Vera Cruz" no Império. O Brasil não está então, é certo, ao mesmo nível do deslumbramento gerado pela Índia ou da obsessão sentida por Marrocos, aliás nem sequer aparece mencionado no pomposo título assumido por D. Manuel I, além de que os limitados meios investidos no recinto também comprovam essa discrepância, contudo, desde cedo, se procurou fazer um levantamento do património de riquezas e determinar a valia da posição geoestratégica do território. Em suma, intentou-se definir usos a dar à América Lusa.

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE EM VÁRIOS COLÓQUIOS

5. ALFREDO AZINHEIRA E A BANDA AR D'GRAÇA



Ar d' Graça

ALFREDO AZINHEIRA EX-CHINCHILAS E EX-NEVADA atua com os "AR D'GRAÇA": JOÃO PARREIRA (TECLAS); JAIME REIS (VIOLINO), FERNANDO CASACA (CONTRABAIXO), E ALFREDO AZINHEIRA, (VOZ E GUITARRA). Alfredo Azinheira. Nasceu em Lisboa a 14 de janeiro de 1949 e reside em Oeiras. Trabalhava em informática como Técnico Prof. especialista e começara, nos anos 60, a tocar viola-baixo em conjuntos rock. Jorge Mendes era Engenheiro Maquinista Naval. Tocavam juntos em bares de Lisboa há vários anos. Foi num bar, que em cinco minutos ambos compuseram o tema com letra de Alfredo Azinheira, "Neste barco à Vela". A maqueta que mandaram ao festival foi gravada, em condições precárias, num barracão. Para essa versão usaram a guitarra portuguesa como acompanhamento e não usaram bateria. Assim que a música foi selecionada, Jorge Mendes convenceu-se logo que iriam ganhar. E assim aconteceu, e os NEVADA foram a Bruxelas representar Portugal no Festival da Eurovisão

Alfredo Azinheira.

Alfredo Azinheira teve a sua primeira passagem pela música enquanto baixista do grupo **Chinchilas**, nos finais dos anos 60, um dos grupos rock mais conhecidos de então. Os Chinchilas são uma das bandas portuguesas de rock mais emblemáticas, mais icónicas. Formaram-se em 1965 sob a batuta de Filipe Mendes, outra figura lendária da guitarra elétrica em Portugal. Estão agora a comemorar 50 anos de atividade com o mesmo frenesim de outrora. O misticismo dos Chinchilas começa logo no batismo.

Porquê Chinchilas, nome de animal? Chinchila é um roedor elitista, cuja pele as tias de Cascais gostavam de ostentar em casacos compridos. Mas chinchila é também nome de animal e os Animals, de Eric Burdon, eram, à época, um dos mais prestigiados conjuntos britânicos de blues, a grande sede dos Chinchilas. Mas nem sempre os Chinchilas foram Chinchilas, também foram Alberto Morde Na Mãe e Monstros. Mas ficaram Chinchilas, até hoje. Filipe Mendes, tido como o “Jimi Hendrix português” e por isso também conhecido como Phil Mendrix, tinha então 16 anos quando se juntou a Alfredo Azinheira, 15 anos, viola-baixo, José Machado, 14 anos, teclista, e Vítor Mamede, 13 anos, baterista, para formar um conjunto da moda, mas diferente, os Chinchilas. E ganharam logo o Festival de Música Moderna da Costa do Sol e o Festival Rock de Tomar. Neste último Festival, Vítor Mamede foi eleito o melhor baterista e Alfredo Azinheira o melhor baixo, portanto, a melhor secção rítmica do Festival. Entrada de arromba! A prova de fogo viria a 18 de setembro de 1965 quando os Chinchilas participaram numa eliminatória, a quarta, do Concurso Ié-Ié, realizado no Teatro Monumental, em Lisboa, a grande mostra da música moderna portuguesa de então. A vontade de ganhar era tanta que os Chinchilas se inscreveram no Concurso com dois nomes diferentes: Monstros e Chinchilas. Eram então formados por Carlos Bastos, futuro fadista, viola-ritmo, Gilberto Guerreiro, viola-baixo, Vítor Mamede, bateria, José Machado, teclas, e Filipe Mendes, viola-solo. Ficaram em 2º lugar na eliminatória, só superados pelos Jets. Na eliminatória seguinte, no dia 6 de novembro de 1965, já com a sua única designação oficial, os Chinchilas voltaram a ficar em 2º lugar, suplantados desta feita por um conjunto de Coimbra, Boys, onde pontificava Carlos Correia, Bória, futuro acompanhante de José Afonso. Nesta eliminatória, os Chinchilas eram formados por Filipe Mendes, José Machado, Mário Piçarra, filho do tenor Luís Piçarra, Fernando e Vítor Mamede. Os Chinchilas que provocaram grande burburinho na sala apresentaram-se de casaco preto com botões de metal branco e calças cinzentas, a moda da época, e tocaram, entre outras canções, “I'm Down”, dos Beatles, “Do You Love Me?”, celebrizado pelo Dave Clark Five, e “I Love You So”, original da banda, mais tarde rebatizada de “Marry Me”. Na 1ª meia-final do Concurso, no dia 8 de janeiro de 1966, ganha pelos Sheiks, os Chinchilas foram fiéis ao 2º lugar. Na final do Concurso, no dia 30 de abril de 1966, ganha pelos Claves, os Chinchilas, sem Filipe Mendes, ausente nos Estados Unidos, ficaram em 6º lugar. Embalados pelas atuações ao vivo, onde Filipe Mendes era a grande estrela pelos seus solos psicadélicos na guitarra, os Chinchilas editaram em 1967 o seu 1º EP que incluía uma versão de “I'm A Believer”, de Neil Diamond, celebrizada pelos Monkees, e três originais, “Take That Train”, “Crying” e “Marry Me”. Gravaram o disco Filipe Mendes, voz e viola-solo, Salvatore Klumbos (Pino Klumbos), de nacionalidade venezuelana, viola-ritmo, José Machado, órgão, Alfredo Azinheira, viola-baixo, e Vítor Mamede, bateria.

Azinheira abandonou o grupo para ir prestar serviço militar para Timor, onde foi a voz dos **Académicos de Timor**. Mais tarde, já em Portugal, juntou-se ainda aos **Plutónicos** e fundou os **Ferro & Fogo**, no final dos anos 70. ([ouça-os aqui na canção Timor](#)).

[Com raízes num grupo formado em Lisboa no início da década de 60, os Plutónicos, que chegaram ainda a gravar um EP com o cantor Gino Garrido, os fundadores dos Ferro & Fogo apresentavam-se como uma proposta nova na criação de originais. Com a invasão de Timor-Leste por parte das tropas da Indonésia, o grupo concebe uma obra musical dedicada à causa do território asiático, que nunca chegam, no entanto, a editar comercialmente e de que a música de hoje é um fragmento. A letra é do baixista, Alfredo Azinheira, e a música é de José Castro, dos Petrus Castrus. Foi a primeira banda a compor uma canção dedicada a **Timor**, muito antes dos Trovante, “Por Ti, Timor”, em 1979].

Participou como elemento da orquestra do **Festival da Canção 1974**. Deixou este último grupo para fundar em 1987 os **Nevada**, com **Jorge Mendes**, com o qual concorreu ao **Festival da Canção 1987**, com o tema **Neste Barco À Vela**, tendo sido os grandes vencedores e representando o nosso país em Bruxelas, na Eurovisão, classificando-se em 18º lugar. O grupo continuou apesar da saída de **Jorge Mendes** e com a presença de **Fernanda Lopes** e **Carla Burity**, tendo editado um single e um LP, intitulado **Na Outra Margem**, em 1991.



Alfredo Azinheira continua a cantar e a dar concertos sempre que solicitado e foi convidado especialmente por ter estado em Timor e fazer a ponte entre um passado comum a Lotus de Jade Tchum, Chrys Chrystello, Ramos Horta, Dr José Barbara Branco e Piki Pereira.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

6. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES e AICL AUTORA HOMENAGEADA 2018



BRAGANÇA 2009



BRAGANÇA 2010



BRAGANÇA 2009



MONTALEGRE 2016



MACAU 2011



ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964)

– Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano.

Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade. Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.

Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2005 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada. Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.



IPM (MACAU) 2011

2011 STA M^a

2012 LAGOA

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.



Graciosa 2015

2012 GALIZA

BRAGANÇA 2009

FUNDÃO 2015

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau). No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique

Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano). No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º colóquio em Vila do Porto.

Ouça-a aqui nos últimos colóquios

1. Recitais no 28º colóquio em Vila do Porto 2017

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html>

2. Poesia e música no Asas do Atlântico 28º colóquio

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2421-28%C2%BA-col%C3%B3quio-no-asas-poesia-e-musica-28out2017-2.html>

3. Ana Paula Andrade et alii no 28º colóquio 2017 Vila do Porto

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2420-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ao-som-da-a-p-andrade-et-alli.html>

4. Belmonte 27º colóquio 2017-1

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI&index=9

5. Belmonte 27º colóquio 2017-2

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

6. Belmonte 27º colóquio 2017-3

https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

7. Belmonte 27º colóquio 2017-4

https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI&index=10

8. no 26º colóquio Lomba da Maia 2016

https://www.youtube.com/watch?v=53RWfHbwX8&t=9s&index=26&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

9. no 25º colóquio Montalegre 2016

https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&t=7s&index=43&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

10. no 24º colóquio Graciosa 2015

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

11. no 23º colóquio Fundão 2015-1

https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_lsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

12. no 23º colóquio Fundão 2015-2

https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

13. no 20º Seia 2013 https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

14. no 19º Maia 2013 https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

15. no 13º em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 2010

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL

DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDEROU AS PERFORMANCE MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA (AÇORES) 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, LAGOA (AÇORES) E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA (AÇORES) E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017

Participa nos recitais. Lança DVD de autores açorianos musicados

**POETAS
AÇORIANOS MUSICADOS**
Ana Paula Andrade

**POETAS
AÇORIANOS
MUSICADOS**
A.I.C.L.
ANA PAULA ANDRADE
Conservatório Regional de Ponta Delgada

**POETAS AÇORIANOS
MUSICADOS**
A.I.C.L.
ANA PAULA ANDRADE
Conservatório Regional de Ponta Delgada

Canções com poemas de poetas açorianos
ANA PAULA ANDRADE
Edição: Conservatório Regional de Ponta Delgada e AICL

1 - Ao Amor - Daniel de Sá
2 - Declaração - Norberto Ávila
3 - Lisa, a voz da tarde - António Teves
4 - Maria Nobody - Chrys Chrystello
5 - Sustentado da metáfora - Luisa Ribeiro
6 - Da Rosas foi a tua boca breve - António Teves
7 - A Religiosa - Alamo de Oliveira
8 - Sinal - Edulino de Jesus
9 - Se me amanheço manhã - Brites Araújo
10 - Nos Açores - Concha Rousia
11 - Quadras da ilha - Urbano Bettencourt
12 - Destino Ilhéu - Chrys Chrystello
13 - Graciosa meu amor - Vitor Rui Dores

Voz - Carina Andrade (3, 6 e 8), Câmen Subica (1 e 10),
Carolina Constâncio (11), Helena Ferreira (4, 7 e 12),
João Nunes (5, 9 e 13), Mafalda Guedes (5 e 9)
Flauta - Ana Maria Ferreira (4, 7 e 12)
Obôe - Jessica Medeiros (9)
Violino - Ana Paula Andrade (10, 11, 13)
Viola de arco - Lúcia Vives (6 e 11)
Piano - Ana Paula Andrade
Captação, mixagem e edição - Emanuel Cabral
Conservatório Regional de Ponta Delgada

7. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012, APOSENTADO) e AICL. PRESENCIAL



António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico.

Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012).

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução.

Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos.

Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira. Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe).

Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979.

Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia.

Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco.

Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução. Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2004 E NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO 2017

8. CARINA MORGADO, EDITORA KREAMUS ED. PRESENCIAL



PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ EM VILA DO PORTO 2017

9. CARLA LUÍS, UBI



Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego em 1977. É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição. É Professora Auxiliar no Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, Investigadora Integrada no Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura (UBI) e Colaboradora no LabCom – Comunicação e Artes (UBI). Na UBI, também é membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras, do Conselho Científico do Departamento de Letras, da Comissão de Curso de Ciências da Cultura, bem como Coordenadora de Mobilidade do DL (Português/Espanhol, 1.º Ciclo), tendo ainda desempenhado a função de Coordenadora do Centro de Avaliação de Português-Língua Estrangeira. Além disso, é Membro da Comissão Científica da *Revista Egitania Sciencia*, Instituto Politécnico da Guarda, do Conselho Científico da *Revista TRIPLOV de Artes Religiões e Ciências*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Comissão Científica da Revista *Cadernos Culturais*, Centro Cultural Eça de Queirós (CCEQ), da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões (ALLC), da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa (IFP), do Conselho Editorial da *Revista ...à Beira*, do Conselho Editorial da *UBILETRAS* e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Tem participado, apresentando comunicação ou integrando Comissões Científicas, em variadíssimos eventos científicos nacionais e internacionais. A sua lista de publicações é composta por livros, capítulos de livros, artigos, recensões e entrevistas.

TEMA 2.9. Retratos dos Judeus na obra ensaística e ficcional de Miguel Real, Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Universidade da Beira Interior e Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura, cxavier@ubi.pt

Muitas são as publicações que têm dado à estampa versando em torno de temáticas relacionadas com os Judeus, os Cristão Novos, as Comunidades Sefarditas, entre outras. Naturalmente, dada a importância do assunto em apreço, também para o nosso autoconhecimento como povo, Miguel Real não deixa de o trazer à colação, plasmando-o em várias páginas da sua obra quer ensaística quer ficcional. Com efeito, com a presente comunicação, procuramos desvelar alguns retratos dos judeus em Miguel Real. Concretizando, no plano ensaístico, destacamos a criteriosa narração, densificada por importantes referências bibliográficas, que o ensaísta em estudo produz em *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) acerca da descoberta (feita já no século XX) da subsistência e da sobrevivência de comunidades judaicas, mormente nas serranas zonas beirãs e transmontanas, não deixando de fazer notar que esta forma peculiar, velada, dupla, de estar na vida, que implica uma dialéctica constante entre o ser e o parecer afetou necessariamente a “conceção portuguesa de identidade nacional”². No domínio ficcional, relendo *Memórias de Branca Dias*, *O Sal da Terra*, *A Voz da Terra* e *A Guerra dos Mascates*, captamos certas características psicológicas bem marcantes deste povo, de onde destacamos a perseverança, a elevada capacidade de camuflagem e de adaptação, a versatilidade, o engenho, a perspicácia para o negócio. Além disso, não deixando de retratar aspetos menos agradáveis, como as perseguições, as fugas, as injustiças, as desilusões, salientamos a importância de personagens emblemáticas e suas vivências, de onde sobressai necessariamente a figura de Cândida Branca Dias de *Memórias de Branca Dias*, que encontra o reverso da medalha, por assim dizer, na de João de Crasto d’*O Sal da Terra*, e estaremos, de igual modo, atentos a alguns costumes meticulosamente professados em surdina (práticas religiosas, *shabat*, hábitos alimentares, símbolos, entre outros).

**É SÓCIO DA AICL
TOMOU PARTE EM VÁRIOS COLÓQUIOS**

10. CARLOS GORDO, PRESENCIAL



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

² REAL, Miguel (2017). *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Planeta, p. 182.

11. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO



GALIZA 2012



FUNDÃO 2015 GRACIOSA 2015



ANA CAROLINA ANDRADE CONSTÂNCIA – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Aos seis anos iniciou os estudos de Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, na classe da professora Antonella Pincenna.

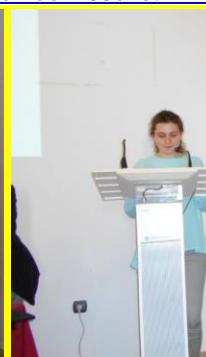
No curso básico de ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, com quem concluiu o 8º grau do curso complementar. Foi selecionada para participar nos estágios da O.J.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011). Participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena. Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, realizando concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. É licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. É mestrandra em Ciências Económicas e Empresariais na Universidade dos Açores, exercendo atualmente funções profissionais no setor bancário. Apesar da sua paixão pela música e pela matemática, desenvolveu, desde cedo, o gosto pela literatura e pela escrita, tendo lançado em 2017 o seu primeiro romance “Aurora”. Como refere nas capas do livro, é “uma história assente na busca constante da felicidade, com todos os medos e obstáculos próprios do caminho, que nos faz pensar na vida e em tudo o que ela nos reserva”.

Ouça-a aqui **Recital no 24º colóquio Graciosa 2015**

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkR1



VILA DO PORTO 2017



TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA (AÇORES) TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO E GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, VILA DO PÓRTO 2017

12. CHRYS CHRYSTELLO. AICL, AGLP, AJA/MEEA e UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA



MONTALEGRE 2016

LOMBA DA MAIA 2016

Chrys Chrystello, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano.

Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972. O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) sendo Editor-chefe do jornal *A Voz de Timor*. Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste. Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82) e Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK). É membro vitalício Honorário da MEEA Journalist [Australian Journalists' Association]. Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais. Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português. Tradutor Profissional desde 1984, Fundador do AUSIT lecionou tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI). Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05). Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012); Foi Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12). Académico Correspondente da AGLP desde 2012, Em 2017 publicou

- o capítulo “A língua portuguesa na Austrália, 2016” in *A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro*. Ed. UBI
- o capítulo “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in *A condição de ilhéu*, CEPCEP, Universidade Católica Portuguesa em Lisboa
- “Três poemas açorianos” in *Antologia* ed. Artelogy
- “Maria Nobody” in *VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea* Chiado Ed. 2017
- o seu *opus magister* Bibliografia Geral da Açorianidade, ed. Letras Lavadas
- Reviu e coordenou a edição reformulada do livro infantjuvenil trilingue de José Ramos-Horta, *O Mundo perdido de Timor-Leste*,
- Em 2018 reviu e editou a 2º volume de Açorianos Missionários em Timor de D. Ximenes Belo



BRAGANÇA 2008

POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011

Montalegre 2016

LOMBA DA MAIA 2016



Tema 2.1. Da ALFE 1996-1998 aos Colóquios da Lusofonia

Sabia que, entre 1996 e 1998, Timor Leste ainda não era independente quando aderiu ao nosso projeto de Lusofalantes no Mundo? E a Galiza também.

Uma viagem no tempo à ALFE (associação de lusofalantes na Europa presidida por José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono), cujo primeiro congresso mundial adiado se converteu no 1º colóquio internacional da lusofonia em 2001-2002. Documentos inéditos que aqui se revisitam pela primeira vez para que se entenda a génese da AICL e os princípios orientadores que nela estiveram.

**SÓCIO FUNDADOR,
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL, Membro do Comité Científico, Presidente da Comissão Executiva**



13. DEANA BARROQUEIRO, CONVIDADA CMB

Deana Barroqueiro nasceu nos EUA, em 1945, e emigrou para Portugal com dois anos. Como Professora de Língua e Literatura Portuguesa, fez inúmeros projetos de Teatro e de Escrita Criativa, com várias obras publicadas. Tem um longo currículo de palestras sobre História e Cultura Portuguesa do Século XV ao XVII, que estuda há três décadas. Em 2003, a escritora recebeu um louvor pela Câmara de Newark, pelo seu contributo para a promoção da língua e cultura portuguesas entre as comunidades de emigrantes da América, Canadá e Europa. Publicou uma coleção de sete romances de viagens e aventuras, *Cruzeiro do Sul*; dois livros de *Contos Eróticos do Velho Testamento*, o primeiro volume traduzido e editado em Espanha, Itália e Brasil; uma trilogia sobre a Expansão Portuguesa, *O Navegador da Passagem – Bartolomeu Dias, O Espião de D. João II – Pêro da Covilhã e O Corsário dos Sete Mares – Fernão Mendes Pinto. D. Sebastião e o Vidente* recebeu o *Prémio Máxima de Literatura 2007/Prémio Especial do Júri*.

E-mail: barroqueiro.deana@gmail.com Página Pessoal: <http://deanabarroqueiro.blogspot.com/>

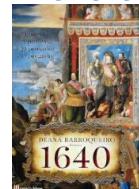
Deana Barroqueiro é uma das mais destacadas escritoras de romance histórico português, do século XXI com uma vasta obra, predominantemente de personagens e acontecimentos do Renascimento e Descobrimentos Portugueses, período que estuda há mais de trinta anos. É casada com João Pires Ribeiro (Professor e investigador - Física Nuclear). Licenciou-se em filologia românica na Faculdade de Letras de Lisboa, de cujo grupo de teatro fez parte, juntamente com Luís Miguel Cintra, Luís Lima Barreto, Jorge de Silva Melo, Maria do Céu Guerra, Ermelinda Duarte e Eduarda Dionísio, entre outros. Frequentou um mestrado de dois anos em Comunicação Educacional Multimédia na Universidade Aberta de Lisboa. Fez vários cursos de Línguas (Inglês, Francês e Espanhol (em Universidades dos respetivos países).

Leccionou as disciplinas de Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Francesa na Escola Secundária Passos Manuel, de Lisboa, onde fez o estágio e a maioria dos seus projetos de teatro e de escrita criativa com os alunos. Publicou então várias obras com o grupo de trabalho do M.E. para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, a Câmara Municipal de Lisboa e o Instituto de Inovação Educacional. Com o seu projeto de Escrita Criativa, **Palavras, leva-as o vento?** foi a inúmeras escolas, de norte a sul do país, para promover o interesse pela leitura entre os alunos de diferentes níveis de escolaridade. O sucesso dessas publicações escolares foi um incentivo para recomeçar a escrever para um público mais lato, ainda que num diferente registo literário, o do romance histórico, tendo publicado, de 2000 a 2010, onze romances históricos e dois livros de crónicas da Antiguidade Pré-Clássica, o primeiro dos quais – *Contos Eróticos do Velho Testamento* – foi editado no Brasil e traduzido em espanhol e italiano.

Em 21 de novembro de 2003, nos Estados Unidos da América, durante um sarau para atribuição de prémios do Concurso Literário Proverbo, de cujo júri fez parte, a convite do jornal Luso Americano, a escritora recebeu um louvor pela Câmara de Newark, em reconhecimento do seu contributo para a divulgação e promoção da língua e cultura portuguesas entre as comunidades de emigrantes da América, Canadá e Europa. O seu romance *D. Sebastião e o Vidente* (Porto Editora) foi agraciado com o Prémio Máxima de Literatura (2007) - Prémio Especial do Júri. O reconhecimento do valor histórico desta obra (resultado de três anos de intensíssimo trabalho e investigação) tem-se manifestado ainda em inúmeras localidades do país, como Pedrógão Grande, Murtosa, Lagos, Castelo Branco, Fundão, Paço dos Negros, Almeirim e S. Pedro do Sul, entre outras, mas também entre as comunidades portuguesas da América, Canadá e Europa, por meio de eventos e homenagens ou da sua comunicação social. A edição brasileira dos seus Contos Eróticos do Antigo Testamento foi estudada no Curso de Literatura Comparada e Estudos Judaicos da Universidade de Minas Gerais, da Professora Dra. Lyslei Nascimento, estando o livro "Romance da Bíblia, Tentação da Serpente" a ser objeto de uma tese de Mestrado (2012). O conto "Langores de Holofernes" (in Tentação da Serpente, Romance da Bíblia) foi publicado no Arquivo Maaravi, v.5, n. 9 (2011) - Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. No I Congresso de Cultura Lusófona Contemporânea, realizado em Portalegre, nos dias 11 e 12 de junho de 2012, subordinado ao tema "A Mulher na Literatura e Outras Artes", a palestra da Professora convidada Dra. Lyslei Nascimento, do Brasil, "Crime e redenção: mulheres que matam" tinha por objeto a análise de uma personagem "Judit" dos contos de Deana Barroqueiro, agora reeditados em forma de romance "Tentação da Serpente".

Faz parte do **"Dicionário de Escritoras Portuguesas - das origens à atualidade"**, por Conceição Flores, Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira. Editora Mulheres. O seu romance «**O Corsário dos Sete Mares - Fernão Mendes Pinto**» foi parcialmente adaptado, por João Botelho, no filme «Peregrinação» de 2017. **Nota:** Dados biográficos autorizados pela escritora e baseados no seu blogue e nas notas de imprensa das Editoras

SINOPSE DA APRESENTAÇÃO DO LIVRO "1640" - ROMANCE DE DEANA BARROQUEIRO



«1640» é o seu mais recente romance, publicado a 23 de novembro de 2017, construído segundo o modelo de "Cortes na Aldeia", narrado a quatro vozes - o poeta Brás Garcia Mascarenhas, a professora Soror Violante do Céu, o prosador Dom Francisco Manuel de Melo e o pregador Padre António Vieira, em que a autora recria os vibrantes acontecimentos nacionais e internacionais dos anos de 1617 a 1667, estabelecendo relações desse passado com o presente, onde será impossível não ver um paralelismo com a «Troika» que governou Portugal em 2011. **1640** é um marco fundamental na História de Portugal, ou da Restauração da Independência, após 60 anos de domínio espanhol, quando os portugueses se revoltaram e elegeram um rei natural, D. João IV. Retrata a luta de Portugal contra o domínio de Espanha, entre 1617 e 1667, período riquíssimo em factos, dramas e personagens, que lutam pela sua libertação e sobrevivência, face a uma crise social, económica e política, imposta por Filipe IV/Olivares, coadjuvados por Diogo Soares e Miguel de Vasconcelos, um triunvirato que só terá paralelo na *Troika* de 2011. Quatro guias singulares conduzem o leitor nesta viagem ao passado, através dos seus dramas pessoais e coletivos: o poeta proscrito Brás Garcia de Mascarenhas, autor da epopeia *Viriato Trágico*; a professora Violante do Céu, a *Décima Musa* da poesia barroca, enclausurada no convento; D. Francisco Manuel de Melo, o maior prosador ibérico do Século XVII, prisioneiro na Torre; e o P.º António Vieira, o mais brilhante pregador do seu tempo, a contas com a Inquisição.

. PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ A CONVITE DA CMB APRESENTANDO O SEU LIVRO "1640"

14. EVANILDO BECHARA, ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL



Evanildo Bechara, Academia Brasileira de Letras

Evanildo Bechara, nascido no Recife em 1928, é professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), atua nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino médio e fundamental. É membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia, Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra, e o representante da Academia Brasileira de Letras para o novo Acordo Ortográfico.

ebechara@academia.org.br, - academia@academia.org.br

Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado *Fenômenos de intonação*, publicado em 1948, com Prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro *Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa* artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados.

Aperfeiçoou-se em Filologia Romântica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol.



LAGOA 2009

MACAU 2011

MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

SEIA 2014

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.



Galiza 2012



MAIA 2013



HONG-KONG 2011



OURENSE, GALIZA 2012

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Eduacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).



BRAGANÇA 2007



VILA DO PORTO 2011

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Eduacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal). Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).

Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa

É membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista Littera (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista Confluência (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutoramento no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutoramento e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriénio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- o A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- o O Futuro em Romântico (1962),
- o A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- o A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- o Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M^a Rodrigues (1980),
- o As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o Corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção-geral de Antônio Houaiss.

É professor da UERJ e da UFF,

Membro da ABL.

Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.



SEIA 2014



Lagoa 2012



BRAGANÇA 2007



01.11.2017 19:54



27.10.2017 19:20

VILA DO PORTO 2017

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL, PATRÓN DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE 2007.
PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2017-2020.**

TEMA 2.3. Antônio de Morais Silva – o primeiro moderno lexicógrafo da língua portuguesa

O presente trabalho procura ressaltar os méritos do brasileiro Antônio de Morais Silva como o primeiro mais moderno lexicógrafo da língua portuguesa, apontando-lhe, além de um esboço biobibliográfico, o valor documental do seu dicionário desde sua primeira edição em 1789.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 LAGOA 2008, 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014 E SEIA 2014, FUNDÃO 2015, VILA DO PORTO 2017. Por motivo de saúde não esteve presente em 2016

15. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, HOSPITAL DE OVAR, assistente PRESENCIAL



MOINHOS 2014



Vila do Porto 2011



MONTALEGRE 2016

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO em 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

16. FRANCISCO CATUNDA MARTINS, UNIVERSIDADE BRASÍLIA E ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA



Professor Emérito da Universidade de Brasília, Psicólogo Clínico, Psiquiatra e Psicanalista, FRANCISCO Moacir de Melo Catunda MARTINS dedica-se ao campo da clínica, em especial a Psicopatologia, a Psicanálise, a Psicoterapia, a Saúde Mental e temas que toquem a linguagem, atos de fala, metáfora, placebo e processos de cura. É Professor Titular da Universidade de Brasília e da Universidade Católica de Brasília. Publicou recentemente *As Metáforas de Freud - Volumes I e II* (ACLEB, 2017); *Ensaios de Sintomas Simbólicos* (Edunb, 2013). Ao longo da carreira publicou *Psicopathologia I - Prolegômenos* (Ed. PUCMinas; laureado com Primeiro Prêmio pela Academia Paulista de Psicologia 2005), *Psicopathologia II - Semiologia* (qualificado pela Revista Psiquê como um clássico em psicopatologia), *O Aparentar, o Dever, o Pensar e o Devir* (Edunb, 2007), *O Nome Próprio* (Edunb, 1997), *O Complexo de Édipo* (Edunb, 2000). PÓS-DOUTORADO na Universidade de Lovaina (1998) e Kent University (Inglaterra), residência em PSIQUIATRIA na UISS da Universidade de Brasília (1977-79), MESTRADO em Psicologia pela Universidade de Brasília (1982), MESTRADO (1984) e DOUTORADO em PSICOLOGIA na Universidade de Lovaina (1986). A

literatura tem sido um domínio em que faz incursões continuadas pertencendo a Academia de Letras de Brasília, onde ocupa a cadeira de número um. Curriculum Lattes - <http://lattes.cnpq.br/4006667017652862> Telefone: 0055 61 981757559 Endereço: SHGN 716 Bloco P Casa 30 Brasília DF Brasil - CEP 70770-746

TEMA 4.2. ANTIBABEL E BABEL NO FALAR PORTUGUÊS, Francisco Catunda Martins

Como é difícil traduzir o que sentimos, traduzirmo-nos para outra língua e traduzirmo-nos para nós mesmos! Essa questão nos conduz diretamente para o mito de Babel, com seus conflitos. O mito de Babel nos adverte acerca da cupidez dos seres humanos. A fala na nossa língua pode ser um enorme problema para os literatos, mas também chamariz para a criatividade. O paradigma da tradução domina o universo da experiência humana. O ser de linguagem não para de se traduzir. Grossosamente indicamos três tipos de tradução: 1. traduzir percepções em palavras; 2. traduzir interlínguas, e 3. traduzir intralíngua. O traduzir implica que a Babel está sempre potencialmente presente. Daí existir uma dialética entre Babel – Antibabel. A megalomania da humanidade de criar uma só língua nos parece ultrapassada. Criar a língua antibabélica que liquidaria o narcisismo de cada pessoa e cada grupamento linguístico foi abandonado. Diferentemente o funcionamento das línguas continua dominado pelo paradigma babélico: as línguas vão se diferenciando e tendem a se multiplicar e até formar novas formas, gramáticas e línguas completas. Mostraremos isso na nossa língua viva da clínica cotidiana e psicopatológica. Pensamos que o pensar infantil, o pensar psicótico, o narcisismo nosso de cada dia, é uma garantia que a Babel continuará avançando. É próprio do homem se adaptar e, então, recriar suas falas resultando na transformação da sua própria língua. É essencial o movimento Antibabel para tornar possível o comunicar humano consigo mesmo e nas traduções referidas anteriormente. Veremos isso presente no português que necessita ser cuidado para não desbaratar nossa cultura. Reconhecer que a Babel é imperiosa faz com que apoiemos a ideia fundamental de termos uma instituição internacional que cuide da língua portuguesa não somente qualificando as regionalizações.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

17. FRANCISCO F MADRUGA, DIRETOR EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N DE GAIA, PRESENCIAL



FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, Nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi

membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*. Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, *Mensageiro de Bragança* e *Informativo*. Editou em colaboração com a Revista *BITÓRÓ* a Antologia *Novos Tempos Velhas Culturas*. Foi fundador do Fórum *Terras de Mogadouro* e responsável pela respetiva Revista. Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.

Foi Fundador da *Calendário de Letras*, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau. A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.). É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Inglês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras. Editou ainda os volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, poesia, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e *Chrónicas Açores: uma circum-navegação* - vol. 2 (2011)

**E SOCIO FUNDADOR DA AICL –
PRESIDE AO CONSELHO FISCAL.**

TOMOU PARTE NO 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, BELMONTE 2017

18. HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA



VILA DO PORTO 2011



SEIA 2014



FUNDÃO 2015

Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Aos seis anos iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada em Violino e mais tarde em Percussão. Aos 10 anos iniciou os estudos em Violoncelo concluindo o curso secundário em 2015. Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012) e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana. Em abril de 2012, 2013 e 2014, frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. Frequentou o 3º ano da licenciatura da Academia Nacional Superior de Orquestra Metropolitana de Lisboa. Em julho de 2017 fez o estágio de Orquestra de Jovens da Gulbenkian, dirigido pela maestrina Joana Carneiro.

JÁ TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO (AÇORES) EM 2011. EM 2012, NO LANÇAMENTO DO CRÓNICAÇORES VOL 2. NA MAIA E RIBEIRA GRANDE, EM 2013 NO 19º COLÓQUIO NA MAIA (AÇORES), NO 20º EM SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES), 28º VILA DO PORTO 2017.

ATUA NOS RECITAIS.



LOMBA DA MAIA 2016



Sta M^a 2017

19. JOÃO GUILHERME FELICIANO DA COSTA, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E INVESTIGADOR, CONVIDADO CMB



João Guilherme Feliciano da Costa nasceu em 1984 na Covilhã e é natural de Belmonte onde estudou até completar o ensino secundário. Concluiu o Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FFUL) em 2008. Trabalhou em Farmácia de Oficina até 2011, altura em que iniciou uma Especialização em Controlo da Qualidade e Toxicologia dos Alimentos na FFUL, que concluiu em 2013. Recentemente, no início de 2018 concluiu o Doutoramento em Ciências da Saúde, na especialidade de Farmácia, na Universidad de Alcalá, Madrid. É professor universitário na Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde (ECTS), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT) desde 2013, lecionando diversas disciplinas nas áreas da Farmacologia e Toxicologia. É paralelamente investigador do CBIOS-ULHT e colaborador do iMed.UL-FFUL. Está envolvido em alguns projetos de investigação nas áreas da Toxicologia e do desenvolvimento de potenciais novos fármacos. Nos últimos anos tem vindo a publicar artigos científicos e resumos em diferentes revistas internacionais. É igualmente autor e coautor de diversas comunicações orais e em painel em congressos nacionais e internacionais. O seu principal interesse científico incide sobre o cancro e na capacidade de atuar na sua etiologia e progressão através da utilização de moduladores redox.

TEMA 2.9: "A LUSOFONIA, A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E O CANCRO"

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ A CONVITE DA CMB

20. JOÃO MORGADO, ESCRITOR, CHEFE DE GABINETE DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BELMONTE. PORTUGAL, CONVIDADO CMB



João Morgado www.joaomorganod.net nasceu em 1965, em Aldeia do Carvalho, Covilhã. Poeta e romancista, é doutorando em Comunicação na Universidade da Beira Interior, onde se licenciou, tem um mestrado em Estudos Europeus na Universidade de Salamanca, Espanha, e uma pós-graduação em Marketing Político pela Universidade Independente / Universidade de Madrid. É membro do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Foi distinguido com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cívico e Cultural, oficializada pela República Federativa do Brasil, pelo seu trabalho de investigação sobre Pedro Álvares Cabral. Trabalhou como jornalista e, para além da imprensa regional, escreveu no diário "Público" e semanário "Sol". Atualmente, é consultor de comunicação nos meios empresariais e políticos. Na literatura, afirmou-se com dois romances: «Diário dos Infiéis» e «Diário dos Imperfeitos». Estas duas obras foram adaptadas ao teatro pela ASTA – Associação de Teatro e outras Artes. Na sua incursão pelo romance histórico, lançou no Clube do Autor, a obra «VERA CRUZ» (2015) sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral, e um polémico romance biográfico de Vasco da Gama «ÍNDIAS» (2016).³

³ PRÉMIOS:
ROMANCE

- Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012,
- Prémio Literário Alçada Baptista 2014,
- Prémio Nacional de Literatura LIONS 2015
- Prémio Literário Fundação Dr. Luís Rainha, Correntes d'Escritas 2015,
- Medalha do Mérito Literário da "Ordem Internacional do Mérito do Descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral" (Brasil), 2017

POESIA

- Prémio de Poesia Manuel Neto dos Santos 2015

CONTO

- Prémio Literário António Serrano 2016

LIVROS

ROMANCE

- “Índias”, Romance Biográfico sobre o lado sombrio de Vasco da Gama Clube do Autor, 2016
- ‘Vera Cruz’, Romance sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral Clube do Autor, 2015



TEMA 2.2. APRESENTA LIVRO “O CÉU DO MAR ” PREMIO NACIONAL DE LITERATURA - LIONS 2015 PRÉMIO LITERÁRIO FUNDAÇÃO DR. LUÍS RAINHA CORRENTES D'ESCRITAS 2015

'Diário dos Imperfeitos' (Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012) Editora: Kreamus - 2012

'Diário dos Infiéis' – Romance Editora: Oficina do Livro (LEYA) - 2010

CONTOS

'O Pássaro dos Segredos' Conto Ilustrado Editora Kreamus, 2014,

“Meio-Rico” – Contos Editora: Kreamus – 2011,

‘Falstaff e o Vinho de Roda’ – Conto In: Contos com Vinho da Madeira Edição Instituto do Vinho da Madeira (Coletânea) - 2009

POESIA

“Para Ti” Editora Kreamus, 2014,

‘Porto de Saudade’ Editora Arandis, 2016

COLETÂNEAS DE POESIA internacionais

‘World of Poetry 2015’, ‘O Olhar da Língua Portuguesa’, Brasil, 2016

COLETÂNEAS DE POESIA

‘Poesia Arte’ Edições Oz, 2015,

‘Marginália’ Ed. Edita-me, 2015,

‘CNB e os Poetas’ ed.: Companhia Nacional de Bailado, 2014

‘Água de Doze Rios’ Ed. Coisas de Ler, 2012,

‘Coletânea de Poesia Contemporânea da Beira Interior’ Coordenador e Coautor: Editora: Kreamus - 2000

JUVENIL

Coleção grande navegadores Alethêia / Pingo Doce, 2016,

□ ‘Pedro Alvares Cabral – O Gigante dos Mares’,

□ ‘Vasco da Gama – O Terror das Índias’

‘CABRALITO’ uma versão ilustrada para crianças, sobre a vida de Pedro Álvares Cabral, o descobridor do Brasil. Ilustração Bruno Picoto ed.: Restelo 30 / Kreamus

FOTOGRAFIA

‘Covilhã e a Estrela’ Coautor (Texto) Fernando Chaves (Fotografia) Editora: Kreamus - 2001

ESTUDO

‘Covilhã e a Imprensa - Memórias de um século: 1864/1964’ Editora: Associação Nacional de Imprensa Diária e Não Diária – 1998



É SÓCIO AICL

PARTICIPOU NO 27º EM BELMONTE E DEPOIS 28º EM VILA DO PORTO 2017

21. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA, VICE-PRESIDENTE INSTITUTO CULTURAL PONTA DELGADA, AÇORES. CONVIDADO AICL



Bragança 2007



GRACIOSA 2015



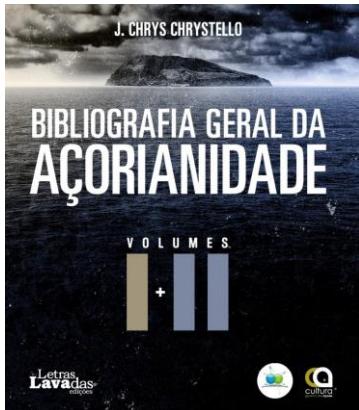
LOMBA DA MAIA 2016

JOÃO PAULO ALVÃO SERRA DE MEDEIROS CONSTÂNCIA é biólogo (Vice-Presidente e membro da Ordem dos Biólogos) nasceu na Sé Nova, Coimbra em 04.05.1962, fez a instrução primária e o então ciclo preparatório, tendo-se mudado para Ponta Delgada em 1976, onde conclui o ensino secundário e o Ano Propedêutico. Em 1980, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e no terceiro ano do curso mudou para o curso de Biologia da Faculdade de Ciências da mesma Universidade, onde concluiu o ramo Científico, na área de sistemática e evolução. Em simultâneo concluiu o curso de Técnico de Aplicações Laser, organizado pelo Centro de Ótica Quântica da mesma Faculdade. Regressou a Ponta Delgada em 1990 e integrou o quadro do Museu Carlos Machado como Técnico Superior. Concluiu a pós-graduação em Museologia (ISMAG/ Universidade Lusófona) em 1992, tendo ingressado na Carreira de Conservador, assumindo a curadoria da coleção de História Natural. Como museólogo, participou e coordenou diversos projetos, designadamente o projeto de Gestão Documental dos museus da rede regional de museus, bem como coordenou e comissariou várias exposições. Em simultâneo com as funções no Museu Carlos Machado foi formador no domínio da Biologia e da Documentação Museológica. Foi docente convidado da Universidade dos Açores, na Licenciatura em Património Cultural, entre 2006 e 2012.

Foi Presidente da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja (Diocese de Angra 2014-2017). Tem participado em seminários e congressos, em especial nos domínios da museologia, biologia e espeleologia. É autor e coautor de diversas publicações e artigos, em particular de vários livros no domínio da divulgação científica. Está destacado como vogal da Estrutura de Missão para a Casa da Autonomia desde 2015, mantendo a colaboração com o Museu Carlos Machado. É Vice-presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada e

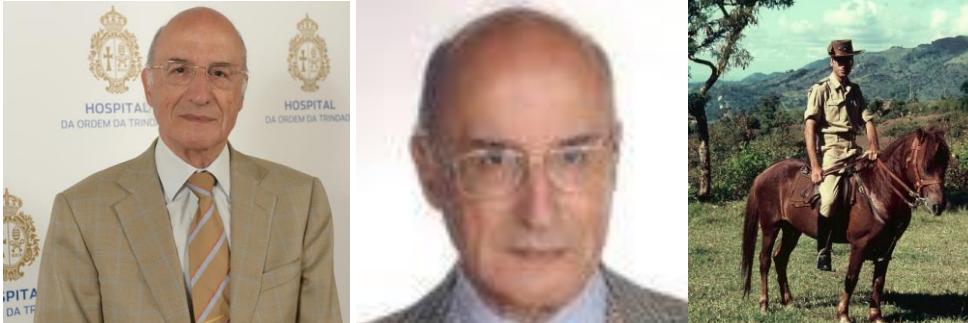
Diretor Executivo do EXPOLAB – Centro de Ciência Viva dos Açores.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 8º EM BRAGANÇA 2007, 20º SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017



TEMA 3.1 APRESENTA A BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE

22. JOSÉ BÁRBARA BRANCO, MÉDICO - EX-DIRETOR DO SERVICO DE ORTOPEDIA, HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO



foi médico do esquadrão de cavalaria nº 5 em Bobonaro, Timor 1965-1967

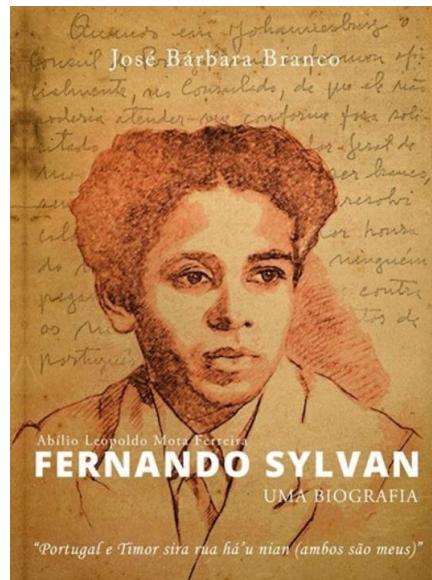
TEMA 2.1 APRESENTA LIVRO FERNANDO SYLVAN, UMA BIOGRAFIA (PORTUGAL E TIMOR SIRA RUA HÁ 'U NIAN (AMBOS SÃO MEUS) PORTO ED. CROCODILO AZUL

Fernando Sylvan – Timor (1917/1993). Pseudônimo de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira, escritor de origem timorense. Foi poeta e ensaísta, mas também dramaturgo. Esteve muitos anos ligado à oposição portuguesa no tempo de Salazar e Caetano. Representou, depois de 1975, várias vezes, os escritores Timorenses em fóruns internacionais e criou o Dia Internacional da Língua Portuguesa. A sua poesia tem duas componentes distintas: a de referência timorense com uma estilística entre modernista e panfletária e a de referência genérica e autobiográfica. Desenvolve um conceito dinâmico de Pátria, colocando-o na dependência de um exercício de pensamento, cidadania e fraternidade que lhe permitia reclamar da colonização e do racismo europeus e justificar os processos de independência, desde que fossem autênticos." in Parque dos Poetas. Fernando Sylvan foi uma figura destacada das letras de língua portuguesa. Nasceu em Timor-Leste em 1917 e veio para Portugal com apenas seis anos. Recebeu no Brasil, onde trabalhou, a medalha Pereira Passos pela sua atuação a favor da

fraternidade universal em 1965. Foi professor convidado de universidades brasileiras, francesas e portuguesas. Em Portugal, foi presidente da Sociedade de Língua Portuguesa. Tem uma vasta e diversificada obra em géneros tão distintos como poesia, dramaturgia, ensaio e prosa. Foi-lhe concedida a título póstumo, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Resistente timorense, não chegou a ver a sua terra independente. Faleceu em 1993.

(TEXTO DE DANIEL BRAGA <http://dbraga.blogspot.pt/2016/02/para-quando-uma-homenagem-nacional-este.html>)

Os seus escritos filosóficos, nomeadamente "Perspetiva de Nação Portuguesa", (1968) e "Comunidade Pluri-Racial" (1962), deveriam ser matéria de estudo nas escolas superiores de Timor Leste e Portugal. De JOSÉ BÁRBARA BRANCO



Fernando Sylvan - Timor



O Dr Bárbara Branco esteve como médico no EC5 (Esquadrão de Cavalaria), em Bobonaro nas montanhas de Timor (1965-1967) , onde Chrys Chrystello esteve em 1973, e onde viveu a pintora Susana Tchum (Lotus de Jade) que expõe neste colóquio.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

23. JOSÉ CARLOS GENTILI, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, AICL, PATRONO DESDE 2016



LAGOA 2009



Lagoa 2009

BRAGANÇA 2008



Bragança 2008

BRAGANÇA 2008



BELMONTE 2017

LAGOA 2009



JOSÉ CARLOS GENTILI, Natural de Porto Alegre, RS, Brasil, 1940. Curso básico no Colégio Farroupilha, antigo educandário alemão - Deutscher Hilfsverein. Estudos na área da Economia Política e Matemática Superior.

Bacharel em Direito, exerceu o magistério superior na Faculdade de Direito de Anápolis.

Advogado militante e empresário na área da atividade agropastoril e biogenética bovina.

Curso básico de inglês na Georgetown University; diplomado pela International Police Academy e Border Patrol Academy (USA).

Escritor, historiador, polígrafo, conferencista.

Poeta, prosador, atualmente, preside a Academia de Letras de Brasília.

Membro de inúmeras academias literárias e partícipe do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Grão-Mestre AD VITAM da maçonaria brasileira, Grau 33º.

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa;

Presidente de Honra Perpétuo da Academia de Letras de Brasília, título outorgado a partir de 1º de julho 2016;

Membro do Conselho-Geral do Museu da Língua Portuguesa, recentemente criado em Bragança.

Foi admitido como Patrono da AICL em 17/6/2016 por proposta do Professor Malaca Casteleiro.⁴

O CRIPTOJUDEU PEDRO ÁLVARES CABRAL NASCEU EM BELMONTE? JOSÉ CARLOS GENTIL, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA

“A família dos Cabraes, é mui antiga em Portugal; já em tempo d’El-Rei D. Diniz, existia um Ayres Cabral, que teve sob sua guarda, as fortalezas de Porto Alegre, Arronches e Castelo de Vide, que lhe haviam sido confiadas pelo infante D. Affonso, irmão d’aquele rei.” (cfe. Resenha Genealógica, Visconde de Sanches de Baena. Torre do Tombo. Typographia de Mattos Moreira & Cardosos. Lisboa.1883).

Esta é uma fonte de ancestralidade conhecida e confirmada.

⁴ Obras:

A Infernização do Hífen (filologia)

- José Carlos Gentili – Um Cidadão do Mundo (fotobiografia)

Ensaio: Cultura de Alpendre (ensaio); - Estelo de Mipibu (ensaio artístico-biográfico), - Bolsa de Pastor (ensaio histórico). Tiradentes and the Masonry (ensaio histórico). - Terras de Lava (ensaio)

Poesia: Tempos de Versos, Quintal do Universo, Galo do Apocalipse, Voo Sideral, Vastidão do Nada, Aldeia do Bispo. - Universo do Verso (poesia). - Origen de las Almas (poesia)

História: A Igreja e os Escravos. Os Bicentenários da Inconfidência Mineira, Izabel Maria-Duqueza de Goyaz, Patrimônio da Capela, Agonia da Solidão, Fiat Lux - Villa do Acarape Precursora da Liberdade. Lagoa dos Cavalos (romance histórico). - Academia de Letras de Brasília – 30 anos

Matemática: Análise Matemática Superior.

Maçonaria: Um Quarto de Hora, Projeto Amanhã, Jubileu de Prata e O Olho Que Tudo Vê.

Direito: Os Bancos de Dados e o Código de Defesa do Consumidor

Editou brochura do Seminário Internacional Novos Tempos, Cultura E Migração 2016, organizado pela Academia de Letras de Brasília

Vivenciava-se o trespassar do século XV para o século XVI em Portugal e a linhagem da família Cabral, já despontava com o ancestral Álvaro Gil Cabral, governador do Castelo da Guarda, honrado pelo Rei D. Fernando I. O rei de Castela, quando entrou em Portugal o governador repeliu-o, não lhe entregando o castelo que lhe estava confiado, razão pela qual, tempos depois, como reconhecimento foi agraciado com as alcaidarias da Guarda e de Belmonte, além do senhorio de Azurara, Manteigas e Tavares.

Seu filho, Luiz Álvares Cabral, vedor da casa do infante D. Henrique (escudeiro do rei D. João I), gerou Fernão Álvares Cabral, que casou com D. Izabel de Gouvêa (filha de João de Gouvêa, senhor de Almendra, Valhelhas e outras tantas).

Desta união, nasceram: João Fernandes Cabral, primogênito, que herdou a Casa e as honras do Castelo de Belmonte; além, de Pedro Álvares Cabral, segundo filho, nato em data e local desconhecidos (1468/1469), que aos dez anos de vida foi enviado para Lisboa como fidalgo da Corte de D. Afonso V.

Na igreja da Graça, em Santarém, foi enterrado, em 1520, constituindo-se a ossada tumular, em motivo de incógnitas e elucubrações históricas inverossímeis, até hoje.

Ninguém sabe e comprova o nascimento de Pedro Álvares Cabral em Belmonte, que teria nascido na sua casa solarenga do povoado de São Cosmado, do Concelho de Mangualde, antiga Azurara.

José Carlos Gentili

PARTICIPOU NO 10º COLÓQUIO BRAGANÇA 2008, 11º COLÓQUIO LAGOA, AÇORES, 2009, 27º BELMONTE 2017.

24. JOSÉ PAZ RODRIGUES, AGLP, AICL



GRACIOSA 2015



Montalegre 2016

É Professor de EGB (em excedência desde 1971). Licenciado em Pedagogia e Graduado pela Universidade Complutense de Madrid (1966-1971) com a Tese de Licenciatura sobre A Bemposta “Cidade dos rapazes” de Ourense (1973). Obteve o Doutoramento na UNED com a Tese “Tagore, pioneiro da nova educação”. Realizou as seguintes atividades profissionais: Professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); Professor-Tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde 1973-74 até 2010; Subdiretor da Escola Normal de Ourense do ano académico de 1987-88 ao de 1989-90 e diretor nos últimos três meses do curso 1989-90. Professor Titular Numerário de Didática, de 1972 a 1990 na Universidade de Santiago de Compostela, e de 1990 a 2010 na Universidade de Vigo (Faculdade de Educação de Ourense). Desde outubro de 2010 é Professor Reformado da Universidade de Vigo.

Presidente da Federação Galega de MRPs (Movimentos de Renovação Pedagógica) e do MRP “ASPGP” (Associação Sociopedagógica Galaico-Portuguesa) até hoje: membro da Comissão organizadora do I Congresso Estatal de MRPs (Barcelona, dezembro de 1983). Foi membro da Comissão redactora do Plano Galego de Formação continuada do professorado (1990); Presidente da Comissão organizadora da Escola Internacional de verão Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, de 1976 até 2007. Foi Presidente da Comissão Organizadora das Escolas de verão na Crunha, Ferrol (desde 1994), Tui, Comarca do Baixo-Minho, Verim, Comarca de Monterrei, Monforte, Corcubión, Lalim, Vimianzo. Presidiu às Jornadas Socio-educativas; organizador de Ciclos de cinema psicopedagógico, cinema educativo-didático, educativo sobre a paz, educativo sobre as áreas transversais do ensino, educativo sobre os direitos humanos, educativo-ecológico, educativo sobre a mulher, educativo-social, direito e cinema, literatura e cinema. Organizador de várias edições da Mostra de Recursos Didáticos Alternativos, da Mostra do Livro Português na Galiza, de Encontros de Jogos Populares Galaico-Portugueses; diretor para Galiza da Revista galaico-portuguesa O Ensino; membro do Conselho redatorial das revistas lusófonas Nós e Cadernos do Povo. Pertence ao Conselho redatorial da Revista Agália.

Nota: reside de outubro a abril na Santiniketon de Tagore, na Bengala Indiana, e de maio a setembro na sua cidade de Ourense, na Galiza.

TEMA 2.7. GALIZA, PÁTRIA ESPIRITUAL DE JOSÉ AFONSO, José PAZ RODRÍGUES (Académico da AGLP, Presidente da ASPGP e Professor Titular Aposentado da Universidade de Vigo-Galiza)

No mês de abril lembro-me sempre de esse grande cantautor que foi José Afonso. O Zeca Afonso, tal como é conhecido em Portugal. Ao que muito admiramos os galegos bons e generosos e de cujos cantares gostamos imensamente. Nas minhas extraordinárias bibliotecas e compactotecas privadas disponho de quase todos os discos que chegou a editar, 28 em total. Tanto em formato antigo de vinilo como em CD. Conservo-os como ouro em pano, e ainda mais aquele, o “*Cantigas do maio*”, que tenho autografado do seu punho e letra, quando a meados dos anos setenta veu atuar por primeira vez a Ourense e, em concreto, ao Liceu Recreio Ourensano. Eu teve a grande sorte de estar ao lado do Zeca esse dia, escutando as suas canções, num ato quase que clandestino, pois ainda vivia o ditador Franco, e na Espanha não existiam as liberdades. Logo mais tarde o Zeca Afonso viria também à Casa da Juventude ourensana. Viera acompanhado do cantor galego Benedito Garcia. Tenho também vários livros com as suas cantigas e uma fotobiografia, ademais de um vídeo com imagens das suas atuações. Somos bastantes os galegos que amamos Portugal, igual que o cantor de Aveiro amava a Galiza, da que sempre dizia que era a sua pátria espiritual. Na Nossa Terra este cantautor é admirado por muitos galegos e galegas, como se fosse um dos nossos melhores cantores. Como realmente o é. Ademais de um excelente poeta, pois a maioria das suas canções foram escritas por ele. E cantou também poemas de Camões e cantigas populares. Não sem surpresa, no país irmão conhecem esta admiração galaica pelo cantor.

E SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015, NO 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

25. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO



MONTALEGRE 2016



LOMBA DA MAIA 2016

BELMONTE 2017



MAIA 2013



SEIA 2014



VILA DO PORTO 2017

José Soares (de Abrantes Reis) nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948.

Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História.

Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque.

Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *Açores 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.

Foi delegado da RDP - RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos.

Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras. Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *ACORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César. Publicou em 2014 o livro de crónicas "Barcos de Palha".

SÓCIO DA AICL

ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL, SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL

PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE (AÇORES) 2007, 11º LAGOA (AÇORES) 2009, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 19º MAIA (AÇORES) 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017

26. LAURA GONÇALVES, CINEASTA, CONVIDADA CMB



Natural de Belmonte, Laura Gonçalves tem dedicado parte da sua vida profissional ao cinema de animação. Foi ao sentir-se estrangeira, rodeada de pessoas que não falavam a sua língua e pouco sabiam sobre o seu país, que lhe surgiu o tema do seu primeiro filme: ir ao encontro das suas origens. É essa a história de *Três Semanas em dezembro*, a primeira curta de Laura Gonçalves, desenvolvida durante o mestrado em Animação, na Arts University Bournemouth, em Inglaterra, que acaba de vencer o Prémio Jovem Cineasta do Cinanima - Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho 2013.

Concluiu o curso de Animação na Faculdade de Belas Artes, Lisboa em 2009 e começa a trabalhar como arte finalista e animadora no estúdio Sardinha em Lata, nos filmes "Viagem a Cabo Verde" realizado por José Miguel Ribeiro, "Independência de Espírito" de Marta Monteiro e "O Sapateiro" de Vasco Sá e David Doutel. Trabalha também na curta "M" de Joana Bartolomeu e "Quem é Este Chapéu" de Joana Toste. Em 2012 realizou a sua primeira curta de animação "Três semanas em dezembro", concluindo o Mestrado de Animação na Arts University Bournemouth, Inglaterra. Trabalhou como animadora e pintora nos filmes "Fim de Linha" de Paulo D'Alva, "Fuligem" e "Agouro" de David Doutel e Vasco Sá, Bando à Parte. Correaliza a curta de animação "Nossa Senhora da Apresentação", com Abi Feijó, Alice Guimarães e Daniela Duarte. Em 2016 desenvolve e correaliza com Xá, a curta de animação documentária "Água Mole".



ÁGUA MOLE (DROP BY DROP) Portugal, 2017, ANI·DOC, HD, Colour, 9'15"



2015NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO (OUR LADY OF THE PRESENTATION) Portugal, 2015, ANI, HD, Colour, 6'



2013TRÊS SEMANAS EM DEZEMBRO (THREE WEEKS IN DECEMBER) Portugal, 2013, ANI·DOC, HD, Colour, 6'13"

TEMA 2.7. A EXPRESSÃO DA ANIMAÇÃO NO CINEMA DOCUMENTÁRIO.

A expressão da animação no cinema documentário. O percurso da autora no documentário animado, com visualização da curta de animação *Três Semanas em dezembro* e um excerto da curta *Água Mole*.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB

27. LOTUS DE JADE TCHUM FALCÃO: Nhu Lien Tchum Falcão 鐘玉蓮 TIMOR, PINTORA, CONVIDADA AICL CMB



Tchum Nhu Lien (Susana) 鐘玉蓮 Lótus de Jade Tchum

Tchum Nhu Lien de Gouvêa Falcão nasceu em Bobonaro, Timor. Criada no seio de uma família tradicional chinesa, oriunda de Cantão, foi privilegiada por uma educação de princípios fundamentalmente chineses a par com as culturas portuguesa e timorense.

Ainda antes de frequentar a escola, aos cinco anos, iniciou-se em caligrafia chinesa com o seu pai, professor de formação. Aos oito anos de idade iniciou a aprendizagem de pintura artística (aguarela e pintura tradicional chinesa). Apesar do gosto e notória paixão, nunca se dedicou exclusivamente à pintura, em virtude da vida itinerante que levou durante anos; só em 1975, fixando residência definitiva em Lamas, Miranda do Corvo, teve a possibilidade de o conseguir. A quietude proporcionada desde então permitiu-lhe dedicar o tempo devido

à sua arte. Aqui, a sua sensibilidade oriental logo encontrou motivos e inspiração, e os trabalhos começaram a fluir naturalmente, refletindo a sua maneira muito própria de ver o mundo que a todos nos rodeia. A sua sensibilidade única transporta as imagens da sua terra natal para a sua terra de adoção, conjugando-as num harmonioso conjunto.

Foi em 1988, que, a convite da Câmara Municipal da Lousã, expôs pela primeira vez as suas obras. Desde então até ao presente, tem apresentado inúmeras exposições, tanto em território nacional como no estrangeiro, ganhando por onde passa cada vez mais admiradores da sua técnica e sensibilidade. A sua arte tem vindo a sensibilizar o gosto ocidental para a arte oriental, usando para tal a sua particular mestria e evidente talento.

É notória a evolução sofrida ao longo destes vinte anos de exposição do seu talento artístico, não só pelo natural aperfeiçoamento da técnica que o passar do tempo obriga, mas pelo estudo e curiosidade que a leva a buscar e apreender diferentes influências, diferentes estilos, diferentes correntes artísticas.

A sua obra reflete predominantemente a técnica da pintura tradicional chinesa – uso exclusivo de materiais importados da China (pincéis papéis e tintas) sobre papel de arroz. Nos últimos tempos, tem alargado o seu leque técnico, utilizando frequentemente aquarela, acrílico e óleo.

Tchum Nhu Lien procura, para além de pintura, outras formas de tocar quem a rodeia. No ano de 2010, participou a fundação da ADRAS (Associação Didática e Recreativa Arte e Saber da Lousã) da qual é atualmente Presidente da Direção; esta Associação cultural visa proporcionar a toda a população inúmeras atividades culturais: aulas (pintura, línguas, música, Tai Chi Chuan), palestras, Clubes de leitura, os mais diversos Workshops, colaboração com as atividades locais promovidas pela Ação Social da Câmara, intercâmbio com as outras Associações, etc.⁵

⁵ **Exposições mais recentes**
Nacionais

- 2006, 2007, 2008, 2009: pintura ao vivo – Brigada de Intervenção de Coimbra
- 2006: Biblioteca Municipal de Tomar
- 2006: Casino da Figueira da Foz
- 2007: Exposição Humanitária – Bombeiros Voluntários de Coimbra (contribuição de um quadro para a causa)
- 2007: Exposição comemorativa dos 100 Anos do Ramal da Lousã
- 2008: "20 anos depois...", Lousã
- 2008: Clube de Comunicação Social
- 2009: II Salão Internacional de S. João da Madeira
- 2009: Câmara Municipal de Cantanhede
- 2010 **Clube de Oficiais de Coimbra**
- 2010: "Arte Timorense" – Museu do Oriente, Lisboa
- 2010 Solar dos Cerveiras. Mesquitela. Celorico da Beira
- 2010. Câmara Municipal de Odivelas.
- 2010 – Câmara Municipal da Pampilhosa da Serra.
- 2011 – Solar dos Cerveiras. Celorico da Beira.
- 2011-- Galeria Mata do Buçaco.
- 2011-- Sete fontes, Cantanhede.
- 2012 – Lousã.
- 2012 – Câmara Municipal de Odivelas.
- 2013 – Câmara Municipal de Odivelas.
- 2013 – Casino de Estoril
- 2014 – Aquarela de cinco continente.
- 2015 – Exposição na Casa de Cultura de Trofa.
- 2015 -- Festa de Lusofonia de Lisboa.
- 2015 – Expo Internacional Mortágua. Org. CM.
- 2015 – Goís - Orosarte. Góis.
- 2016 – Biblioteca Municipal de Pampilhosa da Serra.
- 2016 – GoisArte.
- 2016 – Casa da Arte – Miranda do Corvo.

-
- 2017.—Goís-Oroso Arte.
 - 2017.—CAE Figueira da Foz.
 - 2017.—Casa da ARTE. Miranda do Corvo.

Internacionais

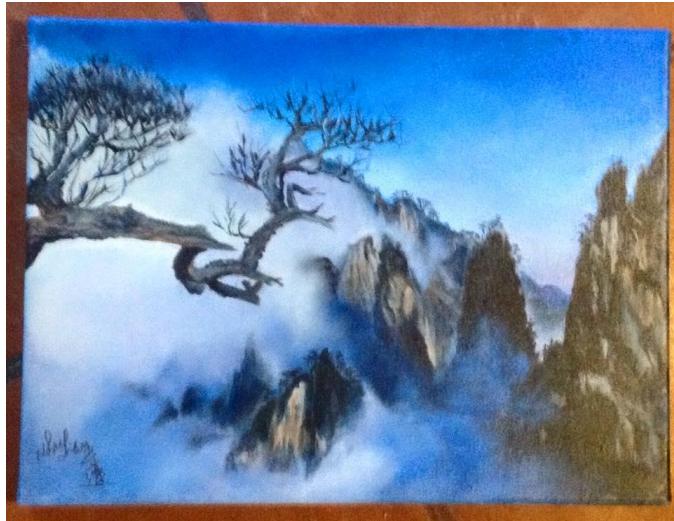
- 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008: 2009 Salão internacional de Nantes
- 2007, 2008: Bélgica
- 2008: Apresentação do “Estudo da Nossa Senhora da Conceição de Velásquez”, Madrid
- 2008: apresentação de aguarelas, Falkirk, Escócia
- 2008, 2009: Holanda
- 2009: Santiago de Compostela
- 2010. Salão internacional de Nantes
- 2011. Fiarte Feira Internacional de Artes. Coimbra, Portugal
- 2012. Salão Internacional de Nantes. (França)
- 2013. Salão Internacional de Nantes. (França) Expo Itinerante
- 2014. Salão Internacional de Nantes. (França)
- 2016, **Expo** Dia internacional de Mulher. Macau
- 2017. Oroso. Galiza (Espanha)
- 2017. Expo Lusófona, Macau.

Prémios e outros reconhecimentos

- 2005: 3.º Prémio no Salão Internacional de Nantes, França – *Façade Atlantique*
- 2009: Medalha de bronze no Salão Internacional de Nantes, França
- 2010: Medalha de bronze no Salão Internacional de Nantes. França. GANFA 2010
- 2014: Prémio de concurso de “Aquarela de cinco continente” Formosa (Taiwan R.O.C)

Outras atividades

- 1999-2010: presidente da Assembleia-Geral da Cooperativa Arte-Via, tendo sido homenageada pelo seu empenho no desenvolvimento dessa instituição, no dia Internacional da Mulher (8 de março) em 2007
- 2000-2010: professora de Pintura na Universidade Autodidata para a 3.ª Idade da Lousã
- 2008: colaboração na execução da integração cromática no restauro do retábulo e pinturas murais no teto da capela-mor da Igreja Paroquial de Lamas, Miranda do Corvo
- 2010 – **Presente:**
 - **Presidente da Direção da ADRAS. Associação Didática e Recreativa Arte e Saber.**
 - Professora de Pintura e de Tai Chi Chuan (太极拳) na ADRAS Lousã



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB

NOTA DO EDITOR

Conheci-a nas montanhas de Bobonaro em out 1973 (Timor) por ser casada com o major Falcão (hoje coronel na reserva) e – à data – meu comandante no EC5 (Esquadrão de Cavalaria 5). É uma pintora de aguarelas de renome e convidei-a para partilharmos momentos de há 45 anos em Bobonaro onde esteve também o Dr José Bárbara Branco, médico da mesma unidade.

28. LUCÍLIA-JOSÉ JUSTINO, DIRETORA DO CENTRO DE LÍNGUAS E CULTURA, CLIC, INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA.



Lucília José da Costa Mendes Gomes Justino é Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa pela Universidade Nova de Lisboa, Licenciada em Filologia Germânica e em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade de Lisboa (FLUL) e em Ciências Literárias pela FCSH, UNL.

Tem frequência do Curso de Doutoramento em Estudos Portugueses, FCSH/UNL e equivalência a Programa de Doctorado, Linha de Investigação *El patrimonio Cultural, Literatura Tradicional y Folklore*, Universidad da Extremadura.

Realizou Provas Públicas para Especialista em Formação de Professores de Inglês, no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL, 2014). É Professora Adjunta, na Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS / IPL), onde desempenha funções docentes, desde 1995, em todos os Cursos. Foi Vice-Presidente do Conselho Pedagógico, Vice-Presidente da DireçãoDirecção (2014-2015). É atualmente membro do Conselho Técnico – Científico.

É diretora do Centro de Línguas e Cultura/CLiC, Instituto Politécnico de Lisboa.

Desempenha funções docentes desde 1975, tendo lecionadolecionado nos ensinos básico, secundário, politécnico e universitário. Também desempenhou funções como responsável por atividadesatividades de natureza didáticadidáctica e técnico-pedagógicas, no Ministério da Educação.

É Membro do IELT, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, FCSH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, desde 2002, do ICML, Instituto de Comunicação e Media de Lisboa, desde 2006, da IBERCOM, Associação Ibero-Americana de Comunicação, desde 2009, da ASSIBERCOM, Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação, Membro da atual diretoria, Conselheira, 2016-2019, da Associação Portuguesa Para A Salvaguarda do Património Cultural Imaterial/PCI, desde 2017.

Ativista da Amnistia Internacional Portugal, Presidente (2008/2012) e Vice-Presidente da Direção (2007), Coordenadora do Grupo Local 3/Oeiras Amnistia Internacional, membro do Cramol, Grupo de Canto de Mulheres, Oeiras, desde 1979.

Lucília-José Justino

Fevereiro 2018

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO PRESENCIAL

29. **LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL / AICL, luciano.pereira@ese.ips.pt**



MAIA 2013



FLORIPA 2010



MONTALEGRE 2016



LOMBA DAMAIA 2016

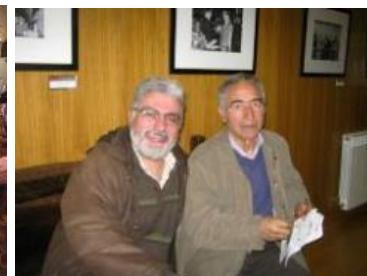
- Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982
- Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992
- Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Comparadas, 2004⁶

⁶ **1. Comunicações e artigos:**

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*



LOMBA DA MAIA 2016



Montalegre 2016



TEMA 2.2. AS MOURAS ENCANTADAS NO IMAGINÁRIO GALAICO-PORTUGUÊS Luciano Pereira, Professor Coordenador Departamento de Ciências da Comunicação e da Linguagem, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal

As mouras encantadas constituem uma das mais ancestrais alegorias populares da cultura galaico-portuguesa. Desde Leite de Vasconcelos que sabemos que, para o povo português, os mouros representam todos os povos que habitaram o nosso território antes da sua definitiva cristianização. De todas as heranças que esses povos nos deixaram, a moura é sem dúvida, uma das que exerceu um especial fascínio no nosso imaginário coletivo. Embora não existam lendas de mouras encantadas na cultura islâmica, já nas culturas cristãs peninsulares, de matriz celta e germânica, podemos afirmar que a sua presença afirma-se como um dos mais sentimentais, maravilhosos e encantadores produtos do nosso imaginário tradicional. Tecidas a filigrana, são as mensagens amorosas que encerram verdadeiros tesouros que se perdem nos mistérios poéticos e luminosos que irradiam dos arcaicos cultos aquáticos e solares. É certo que existem relações entre as mouras e as fadas, as sereias, as ondinhas, as burgas, as valquírias, Melusina e as Jans, mulheres invisíveis, facilmente integradas nos cultos cosmogónicos de referência elementar: ar, terra, fogo e ar.

SOCIO FUNDADOR DA AICL

- Os contributos mitrácios no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional
- A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica
- A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio
- Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução
- O mau-olhado na cultura popular
- A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila
- Referências e indícios hebraicos na literatura popular
- Contributos árabes na literatura popular portuguesa

2. Ensaios: A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração): A cidade, A língua.

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Coordenador (ESE Setúbal, 1986/2016)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal, Bona (1995/1996)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo CAPLE ESE IPS (2006-2016)
- Presidente dos Júris - Provas de ingresso para os estudantes internacionais e com mais de 23 anos ESE Setúbal (2014/2016).
- Presidente do Júri de Português para os Mestrados na área do Ensino Básico ESE Setúbal (2016).
- Elemento do Júri em concursos académicos e profissionais (Professores Coordenadores, Adjuntos, especialistas, relatórios de Mestrado.)

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

30. MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE, AICL PRESENCIAL



LOMBA DA MAIA 2016

Margarete Isabel de Almeida Silva nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilingüísticos. Valeu-lhe um estágio académico na Secção de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, onde teve o privilégio de imergir num ambiente plurilingüístico por excelência. Seguiram-se novas experiências profissionais não menos interessantes como Guia-Intérprete nas Caves de Vinho do Porto e outras incursões no mundo das línguas no continente americano. Mestre em “Línguas Estrangeiras Aplicadas” (2 anos), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2016). Licenciada em “Línguas e Literaturas Modernas – ramo Tradução” (5 anos), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1998). Tradutora/Intérprete em regime *freelance* desde 1998, atividade que exerce a tempo inteiro. Formadora de PLE e outras línguas para fins empresariais e aprendizagem individual, com certificação do IEFP, desde 2001. Sócia da APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes, desde 2015. Sócia da AICL – Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, desde 2016. Gosta de palavras, da sonoridade linguística e dos diferentes sotaques. Aprecia a escrita como forma de partilhar o que lhe vai na alma. Tem particular interesse pelas línguas minoritárias e a sua preservação enquanto legado do património linguístico e identidade cultural de um povo.

TEMA 2.2. A FEMINILIDADE/FEMINILITUDE LUSÓFONA*

Desde os primórdios da história humana até à atualidade, a representação feminina na escrita, na pintura e na arte em geral, fundamenta-se, quase sempre, num estereótipo de submissão ou de iniquidade. Nesta perspetiva, e baseado nos conceitos de mulher (fêmea, feminismo, feminilidade e feminilidade), pretende-se dar uma visão por via de composições poéticas em que o elemento feminino desperta o masculino, revertendo e desconstruindo valores em torno da sacralização do corpo feminino enquanto expressão de liberação, cumplicidade e contemplação, suscitando-nos a uma reflexão acerca das diferentes possibilidades de figurativização de uma nova feminilidade lusófona (ficcional, social e política) no século XIX.

É SÓCIA AICL.

TOMOU PARTE NO 26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016, NO 27º EM BELMONTE 2017 E 28º VILA DO PORTO

31. MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL



Belmonte 2017

É SÓCIA DA AICL

TOMOU PARTE NO 14º EM BRAGANÇA 2010, 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 27º EM BELMONTE 2017 E 28º EM VILA DO PORTO

32. MARIA DA PAIXÃO COSTA, EMBAIXADORA DA RDTL EM LISBOA, ANTIGA DEPUTADA E VICE-PRESIDENTE DO PARLAMENTO NACIONAL, CONVIDADA DE HONRA



Licenciada em Ciência Política pela Universidade Nacional de Timor-Leste, Maria Paixão da Costa, 53 anos, é mãe de 10 filhos e desde a restauração da independência, até 2012, foi deputada, chegando a ocupar o cargo de vice-presidente do parlamento do país.

33. MARIA DE LOURDES CRISPIM, CENTRO DE LINGÜÍSTICA, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E AICL,



LAGOA 2009

BELMONTE 2017

MARIA DE LOURDES CRISPIM, Professora Associada de Linguística da Universidade Nova de Lisboa é, desde 2006, Presidente da Comissão Diretiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua carreira académica na Universidade de Paris III onde ensinou Língua e Linguística portuguesas (1969-1974). No mesmo período, colaborou com Solange Parvaux, primeira Inspetora-geral do Português em França, nas diligências de integração do ensino do Português no leque das “langues vivantes” do sistema de ensino secundário francês. O contacto com a integração das crianças de origem portuguesa na escola francesa dos anos 70 despertou-a para a problemática das políticas linguísticas em geral e das políticas linguísticas nacionais relativas à imagem da língua no estrangeiro e em Portugal, em particular. Em 1976, depois de breve passagem pelo Programa Nacional de Alfabetização, ingressou na Universidade Nova de Lisboa. Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras, com uma dissertação que consistiu numa edição crítica e glossário das Coplas del Menosprecio del Mundo do Condestável D. Pedro, interrompeu durante algum tempo esta linha de trabalho que retomou através da edição crítica e estudo linguístico da tradução portuguesa de uma obra de Christine de Pizan, intitulada Livro das Tres Vertudes, na versão manuscrita, e Espelho de Cristina, na versão impressa de 1518. O gosto pelos textos medievais e o gosto pelas questões de contacto de línguas têm alternado no seu percurso académico. Atualmente, o trabalho, com Maria Francisca Xavier, em projetos de corpora e dicionários de português medieval satisfazem o primeiro gosto, o trabalho sobre aquisição do português, língua não-materna, com Ana Madeira, Maria Francisca Xavier e outros, satisfaz o segundo.

O interesse pelo português, língua não-materna, não se esgota na investigação em curso, tendo estado na origem da sua participação num projeto europeu que, em parceria com outras instituições da Lituânia, Estónia, Finlândia e Polónia, levou à realização de um curso online de português para estrangeiros – o projeto ONENESS, disponível, para o português, em <http://www.oneness.vu.lt/pt/>.

TEMA 2.2. DOCUMENTAÇÃO ANTIGA PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA, MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS DE BELMONTE trabalho conjunto com Maria Francisca Xavier e João Malaca Casteleiro ([VER AQUI](#))

É SÓCIA DA AICL TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

34. MARIA FRANCISCA XAVIER, CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E AICL



Professora Associada de Linguística com agregação, aposentada, da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigadora do Centro de Linguística da mesma Universidade. Mestre em Estudos Anglo Americanos com uma dissertação sobre *Aux e Caso Abstrato em Inglês – Um Estudo Diacrónico* e doutorada em Linguística Comparada com uma tese sobre *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais – Um Estudo Comparado das Preposições A, DE, TO e FROM*. Tem desenvolvido investigação em dois domínios complementares: (i) Estudos sincrónicos e diacrónicos do léxico e da morfossintaxe e da aquisição do Português como língua segunda e (ii) criação e desenvolvimento de corpora digitalizada e de dicionários do Português Medieval, do Latim Tardio - <http://cipm.fcsh.unl.pt> - e de Português como Segunda Língua.

TEMA 2.2. DOCUMENTAÇÃO ANTIGA PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA, MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS DE BELMONTE trabalho conjunto com Maria Francisca Xavier e João Malaca Casteleiro (VER AQUI)

É SÓCIA DA AICL

TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

35. MARIA JOÃO CANTINHO, ESCRITORA, CONVIDADA CMB, EDITORA DA REVISTA CALIBAN



Maria João de Oliveira Sequeira Cantinho (Lisboa, 1963), é uma autora portuguesa que viveu a infância em Angola. Regressou em fevereiro de 1975 e estudou na Universidade Nova de Lisboa, onde se licenciou em Filosofia, realizou dissertação de mestrado e se doutorou, em Filosofia Contemporânea. É poeta, crítica literária e ensaista. Colabora regularmente em várias revistas académicas e literárias, publicou várias obras de ficção, ensaio e de poesia. É investigadora do CFUL (faculdade de Letras) e do Collège d'Études Juives da Universidade da Sorbonne.

É professora do Ensino Secundário e foi professora do IADE. É editora da revista digital Caliban. Venceu em 2017 o Prémio Glória Sant'Anna, pela sua última obra de Poesia, *Do Íntimo*. É colaboradora na *Revista Colóquio-Letras* e em diversas revistas literárias e académicas e membro do Conselho Editorial do Caderno do Grupo de Estudos Walter Benjamin GEWEBE.

É membro da direção do PEN Clube Português, da APE (Associação Portuguesa de Escritores desde 2014) e da APCL (Associação Portuguesa de Críticos Literários). Publicou várias obras de Ficção, Poesia e Ensaio. Participla regularmente em mesas-redondas e conferências.

Recebeu o Prémio de Apoio à Edição de Ensaio 2002 da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas, dependente do Ministério da Cultura pela sua tese de mestrado: *O Anjo Melancólico: Ensaio sobre o Conceito de Alegría na obra de Walter Benjamin*.

Coordenou antologias de Poesia para revistas como *Lichtungen* (Áustria) e *Blanco Móvil* (México). Foi diretora da Revista *Café com Letras* e é atualmente editora da Revista Caliban. Representou Portugal em vários Festivais de Poesia e de Literatura, como Lodève (Voix Vives du Méditerranée, 2005), Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, 2009), Sète (Voix Vives du Méditerranée, 2011), Sidi Bou-Said (Voix Vives du Méditerranée, 2014), Festival International de Poésie de Marrakech, 2015.

As relações entre Portugal, Brasil e África, Maria João Cantinho, editora da Revista Caliban

As relações entre Portugal, Brasil e África conhecem momentos de avanço e recuo, no que respeita à edição e intercâmbio cultural. Apesar de décadas de salutar convívio entre escritores brasileiros (mais do que com africanos, por razões várias e essencialmente políticas), houve uma aproximação interessante por via da edição, a partir de 2000 e ela desapareceu durante alguns anos, estando a ser reativada a mesma, através de publicações físicas e digitais. É importante fazerem-se estas trocas, em lugar de continuarmos de costas voltadas. Conheça o panorama atual, pela própria editora da revista Caliban, publicação lusófona digital.⁷

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB

⁷ Ensaio

O Anjo Melancólico: Conceito de Alegoria na Obra de Walter Benjamin, Lisboa, Angelus Novus, 2002.

Reflexões Em torno de María Zambrano, Lisboa, Câmara de Lisboa, 2007. (Coeditado por Maria João Cantinho, Maria João Cabrita e Isabel Lousada).

Reconhecimento e Hospitalidade, Lisboa, Edições 70, 2011 (coeditado por Maria João Cantinho, Maria Lucília Marcos, Paulo Barcelos).

Paul Celan: Da Ética do Silêncio à Poética do Encontro, Lisboa, Edições Centro de Filosofia, 2015 (coeditado por Cristina Beckert, Maria João Cantinho, Carlos João Correia e Ricardo Gil Soeiro).

Sousa Dias, *Pré-Apocalypse Now: Diálogo com Maria João Cantinho sobre Política, Estética e Filosofia*, Editora Documenta, Lisboa, 2016.

Poesia

Abriás a Noite com um Sulco, Lisboa, Editora Hugins, 2001 (Menção honrosa do Prémio da Associação Fernando Pessoa, 2001)

Sílabas de Água, Lisboa, editora Ver o Verso, 2005 (com a artista plástica Ana Calhau).

O Traço do Anjo, Porto, Editora Edium, 2011.

Do Ínfimo, Ed. Coisas de Ler, Lisboa, 2016. (recentemente galardoado com o Prémio Glória de Sant'Anna).

Antologias de Poesia

Cintilações da Sombra II, Lisboa, Labirinto Editora, 2013 (Editada por Victor Oliveira Mateus).

La Alquimia del Fuego, Madrid, 2014.

70 Poemas para Adorno, Nova Delphi, Lisboa, 2015.

Ficção

A Garça, Leiria, edições Diferença, 2001.

Caligrafia da Solidão, S. Paulo, Editora Escrituras, 2006. (Nomeada como finalista ao Prémio Telecom).

Cantos de Solidão, Porto, Editora Ver o Verso, 2006.

Literatura Infantil

A História do Palhaço Bonifácio, Porto, Editora Ver o Verso, 2006.

Os Sete Irmãos, Porto, Editora Ver o Verso, 2008.

36. MARILENE GENTILI, BRASIL, AICL



LAGOA 2009



BELMONTE



SÓCIA DA AICL

PRESENTE NO 10º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2008, 11º COLÓQUIO NA LAGOA, AÇORES, 2009, 27º BELMONTE 2017

37. MARLIT BECHARA, PRESENCIAL RIO DE JANEIRO, BRASIL, AICL, CONVIDADA



LAGOA 2009



VILA DO PORTO 2011



SEIA 2014



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

PARTICIPOU DESDE 2007 A 2015 EM TODOS OS COLÓQUIOS. REGRESSOU EM 2017 NO 28º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA

38. NILZANGELA LIMA SOUZA, INSTITUTO OLHAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, BRASIL, CONVIDADA CMB



NILZANGELA LIMA SOUZA (usa pseudônimo **NICAH GOMES**) nasceu em 20 de novembro 1972 em Feira de Santana Bahia, radicada em São Paulo desde 1986 formada em artes visuais pela Maria Montessori possui o hábito de ler e escrever desde os quatro anos de idade. Trabalha em seu ateliê há 15 anos onde desenvolve oficinas literárias exposições entre outras atividades. Promove intercâmbios literários e conferências. Escreveu seu primeiro ensaio poético em 2011 “Olhos de Encanto” seguindo para seu segundo livro “Koesia”. Trabalha com projetos sociais sob chancela da Casa do Poeta de São Paulo como embaixadora cultural, que possui 70 anos de fundação, Embaixadora da Associação dos poetas de Portugal no Brasil. Idealizadora do Festival Olhar da Língua Portuguesa no Mundo que por sua vez está em sua 3ª edição. A dedicação tornou o projeto em Instituto Olhar da Língua Portuguesa no Mundo que tem como objetivo estreitar os laços lusos brasileiros bem como enaltecer as suas raízes.

TEMA 2.1. OLHAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, Nilzangela L. Souza

O projeto **O Olhar da língua Portuguesa no Mundo** trata-se de uma antologia poética da língua oficial portuguesa que percorre o caminho entre Portugal e Brasil e vice-versa. A amplitude da Antologia reside no fato dela incluir, aspectos transdisciplinares literários entre arte do cotidiano (poemas) ciências humanas, tendo em conta que os poemas trazem intrinsecamente elementos favoráveis à percepção do olhar da Língua Portuguesa e Brasileira no mundo. As poesias para além de serem um conjunto de registros, representam simultaneamente uma combinação do social e cultural: os poemas retrataram o modo de ser e estar incluindo usos, hábitos e costumes das pessoas que habitam nos dois países. Vamos promover a poesia como também crônicas cotidianas que retratam o modo de ser e estar da nossa população, porque letras estimulam todos os sentidos. E podem expressar nossa sociedade. Através saraus da poesia e arte, exposições em espaço urbano a céu aberto e locais fechados, poesia musicada, degustada através de vivências promovidas de forma culta ou coloquial, que promovam as raízes de nosso país. E assim manter acesa a chama do patriotismo sentimento de nossa população. A nossa língua é o veículo hereditário de nossas riquezas, por meio da oralidade iniciamos a história da humanidade e para reverberar veio a escrita, com isto faremos intercâmbios literários, partindo do princípio que possuímos povos lusos e brasileiros nesta terra amada de riquezas mil. No Brasil, encontramos em todos os cantos do país a poesia através de nosso povo, da cultura e diversidade cultural. E aproveitando estas culturas que criamos experiências por meio de leituras vivenciadas ou imagéticas. Com tantos signos expostos promoveremos encontros e desdobramentos lúberos musicais para abrilhantar ainda mais nossa língua por meio de nossos escritores e poetas lusos e brasileiros.

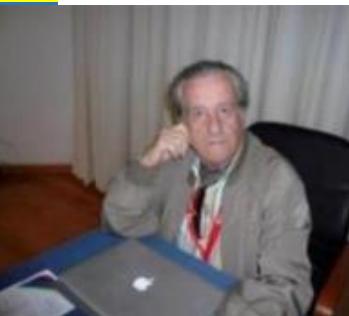
39. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, TERCEIRA, PRESENCIAL



GRACIOSA 2015



SEIA 2013



MAIA 2013

NORBERTO ÁVILA⁸ nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se

⁸ **BIBLIOGRAFIA**

1960, *O Homem que Caminhava sobre as Ondas*. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.

1962 *O Labirinto*, inédito

1962, *O Servidor da Humanidade*. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama, 1965, *A Pulga*, inédito

1965, *A Ilha do Rei Sono*. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães, 1965 *Magnífico I*, inédito

-
- 1966, **As Histórias de Hakim** (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça
- 1966, A Descida aos Infernos. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP
- 1968, As Histórias de Hakim. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.
- 1972, A ilha do rei Sono, Lisboa, Plátano Ed
- 1972, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.
- 1975, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA.
- 1976, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora
- 1977, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.
- 1977, in Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa.
- 1977, **O Rosto Levantado** (1977 e 1978). 1ª ed. em Algum Teatro, IN-CM, Lisboa, 2009.
- 1977, A ilha do rei Sono, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed
- 1978, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.
- 1979, O Pavilhão dos Sonhos, inédito
- 1980, Viagem a Damasco, Ed SREC, Angra do Heroísmo,
- 1988 Os Deserdados da Pátria, 1ª versão, inédito
- 1982, Do Desencanto à Revolta.
- 1983, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.
- 1983, A Paixão Segundo João Mateus, Angra, Ed SREC
- 1985, D. João no Jardim das Delícias (1985).
- 1986, Magalona, Princesa de Nápoles
- 1986, Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 -
- 1987, D. João no Jardim das Delícias. Ed. Rolim, Lisboa,
- 1988, Viagem a Damasco. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
- 1988, D. João no Jardim das Delícias, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- 1988 Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta
- 1988, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 1989, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, As Viagens de Henrique Lusitano (1989).
- 1990, Viagem a Damasco, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
- 1990, As Viagens de Henrique Lusitano. Edição SPA, Lisboa,
- 1990, A Donzela das Cinzas (1990).
- 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Angra, SREC
- 1990, **Uma Nuvem sobre a Cama** (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1990, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
- 1990, A Donzela das Cinzas. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
- 1991, As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas), Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
- 1991, Uma Nuvem sobre a Cama. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
- 1991-1993, O Marido Ausente. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países.
1992. **A Donzela das Cinzas** (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
1992. Arlequim nas Ruínas de Lisboa. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
- 1992, As Fajãs de São Jorge, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,
- 1993, No Mais Profundo das Águas, romance.
- 1993, Os Doze Mandamentos (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1994, Os Doze Mandamentos. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1995, Fortunato e TV Glória.

mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça. www.norberto-avila.eu / - oficinadescrita@gmail.com

POEMA “DECLARAÇÃO” https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&index=148&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvkeRI

ver caderno de estudos açorianos em <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>

ver vídeo homenagem <https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

É SÓCIO AICL

FOI AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE.

JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO

Um extrato da sua peça *Deserdados da Pátria* será representado pelo Teatro das Beiras neste colóquio

-
- 1996, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina”, Guimarães.
- 1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,
- 1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, ed. Colibri
1997. Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri
- 1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro “A Oficina”, Guimarães
- 1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)
- 1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,
- 1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra
- 1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,
- 1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alforneiros,
- 2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa
- 2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas
- 2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
- 2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, *As Suaves Luvas de Londres*, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
- 2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,
- 2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, Inédito
- 2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.
- 2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,
- 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.
- 2008, Memórias de Petrónio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.
- 2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)
- 2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em *Algum Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa,
- 2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora
- 2009, *Algum Teatro*, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- 2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,
- 2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011
- 2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2013, Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal
2014. Algum teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal

40. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, ACORES, AICL, PRESENCIAL



Montalegre 2016



LOMBA DA MAIA 2016



SEIA 2014



LOMBA DA MAIA 2016



BELMONTE 2017



LOMBA DA MAIA 2016



MONTALEGRE 2016



01.11.2017 18:54

Tem pós-Graduação em Estudos Interculturais - Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação - Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media.

É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro.

Em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifônico de Ginete, do qual é, também, consultor artístico. Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística *Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural*, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginete, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.

SÓCIO DA AICL

SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL. COORDENADOR AICL PARA AS ESCOLAS

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017

41. PIKI PEREIRA (da ROSA), CANTORA TIMORENSE



Lisete Matos Gomes Pereira da Rosa, mais conhecida como Piki Pereira, nasceu no dia 20 de julho de 1965 na cidade de Dili, em Timor-Leste. Iniciou o seu percurso musical com tenra idade, ganhando gosto de cantar e tocar viola aos 10 anos. Sem nenhuma formação musical, a cantora foi aprendendo e aperfeiçoando a arte por si própria. No ano seguinte, 1976, teve a sua primeira experiência musical com o grupo *Five Fingers*. No entanto, ainda teve tempo para se dedicar ao desporto praticando as modalidades de basquetebol, patinagem e vólei, chegando até representar a seleção de Timor nos anos vindouros, nas modalidades de futebol, basquete e também vólei. Quatro anos após ter iniciado a sua caminhada na música, deu-se o fim da banda *Five Fingers* e a cantora tentou seguir a sua carreira a solo, atuando em festas, casamentos e festivais que decorriam no país. Existindo pouquíssimas mulheres a cantar naquela época, Piki foi convidada para integrar o grupo Arco-Íris, que tinha como vocalista o famoso cantor timorense Tony Pereira, juntando-se a ele e aos restantes, mas com o título de voz feminina da banda, reforçando a ideia de que as mulheres poderiam conquistar o seu espaço no panorama musical e ajudar a expandir a cultura timorense.

A banda Arco-Íris teve imenso sucesso, chegando a gravar sete álbuns (cassetes) e atuando em várias partes do país. Mais tarde, o grupo estaria completo com as presenças de Chico Gama (vocalista/viola) Dinus Guttenberg (baixo) e Anito Matos (voz), que juntam-se assim a Tony Pereira, Piki Pereira e José Cameirão. Em 1982, a cantora ganhou o Festival da Canção em Timor, onde teve a oportunidade de cantar no mesmo palco que muitos cantores e grupos famosos da época. Em 1987, Piki, juntamente com a sua família, abandona Timor-Leste devido à situação política e de guerra em que se encontrava o país, e imigrar para Portugal, para a cidade de Lisboa, concretamente para a zona de Carcavelos onde viveu alguns anos com a sua família numa pensão. Apesar das mínimas condições em que se vivia, nada impediu que continuasse a cantar e que tentasse singrar nesta nova realidade que era representar a identidade cultural do seu país em terras lusas. Tendo a felicidade de conhecer alguns amantes da música timorense na zona onde residia, apresenta-se logo a ensaiar algumas músicas tradicionais que, mais tarde, cantou em concertos em sítios conhecidos como a Aula Magna, Teatro S. Jorge e em festivais folclóricos em redor do país. Não deixando o seu amor pelo desporto, Piki Pereira representou a equipa de voleibol feminino da Instituição Sporting Clube de Portugal até 1989, conquistando alguns troféus e alegrias com os simpatizantes do clube, naquela altura. Alguns anos mais tarde, casou-se e constituiu família abdicando da música devido à falta de tempo e trabalho. No ano corrente, vive com a família em Belas e encontra-se a realizar um trabalho discográfico com a colaboração de António Soares, mais conhecido por NickFingers. Apesar da longa paragem devido a motivos de força maior, a cantora está de volta e espera continuar a desenvolver o seu trilho, naquilo que mais gosta de fazer. **Piki Pereira Rosa, Lisboa, 6 de março 2014, Piki Pereira Rosa - Vokalista no muzika**



SEIA 2014

[OUÇA-AQUI OU EM <https://www.youtube.com/watch?v=QDDOxIRue9w&list=RDQDDOxIRue9w>](https://www.youtube.com/watch?v=QDDOxIRue9w&list=RDQDDOxIRue9w)
JÁ PARTICIPOU EM SEIA NO 22º COLÓQUIO 2014

42. RAUL LEAL GAIÃO, AICL



SEIA 2014



Montalegre 2016



MAIA 2013



SEIA 2014

RAUL LEAL GAIÃO,

É mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM).

Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Lecionou *Filosofia e Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior. Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014). Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como outros temas ligados a Macau. Em 2011 no 15º colóquio em MACAU iniciou o projeto dos missionários açorianos no Oriente.

TEMA 2.2. FALAR FRONTEIRIÇO DA SERRA DAS MESAS, Raul Leal Gaião

No extremo meridional das terras de Riba-Côa, as povoações raianas do concelho de Sabugal encravadas nas proximidades da Serra das Mesas (e da Serra da Malcata), desenvolveram ao longo do século XX contactos frequentes com as populações vizinhas do outro lado da fronteira política, contactos através do contrabando diário e intenso com Espanha. Estas relações originaram fortes interferências linguísticas, do espanhol nos falantes das aldeias vizinhas da Serra das Mesas. Apesar da diminuição da atividade do contrabando a partir dos anos 60 do século XX, com o início da emigração, principalmente para França, as particularidades fonéticas, morfológicas e principalmente lexicais continuam em parte presentes, a que se veio sobrepor uma nova camada linguística, de influência francesa, com a presença e o regresso parcial dos emigrantes. Pretendemos apresentar alguns apontamentos sobre o estado do falar de uma destas comunidades fronteiriças.



01.11.2017 13:57



01.11.2017 13:57

VILA DO PORTO 2017

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017

43. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA, E AICL



Montalegre 2016



MACAU 2011



BELMONTE 2017

ROLF KEMMLER, tendo nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, é professor auxiliar convidado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real).

É membro permanente do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014

É Doutorado na área das Ciências da Linguagem e da Literatura (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)», publicada em 2007. Formou-se como Magister Artium (M.A.) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).



Belmonte 2016



Belmonte 2016



Belmonte 2016



MAIA 2013



GALIZA 2012



VILA DO PORTO 2017

Lyman Horace Weeks: *Among the Azores* (1882) Rolf Kemmler (Vila Real)*

Em 1882, o ainda jovem historiador e genealogista americano Lyman Horace Weeks (1851-1942) publicou o seu livro *Among the Azores* que se baseia nas experiências feitas pelo autor ao longo de duas viagens pelo arquipélago, que aparentemente tiveram lugar na segunda metade dos anos 1870 (veja-se Weeks 1878), tendo as suas observações em parte já sido publicadas nos dois jornais bostonianos *Boston Traveller* e *Boston Herald*, bem como na revista (então mensal) *Appleton's Journal* (1878). Com 25 gravuras relacionadas com vários tópicos, o autor narra as suas experiências e observações em seis das ilhas do arquipélago (Flores, Pico, São Jorge e Graciosa, Terceira e São Miguel). Dado que esta última ocupa a maior parte das observações no livro, iremos prestar atenção especial aos comentários que o autor tece a São Miguel e aos seus habitantes.

Referências bibliográficas

Weeks, Lyman H[orace] (1878): «*Among the Azores*», em: *Appletons' Journal: A Magazine of General Literature* 5/4 (October 1878), págs. 347-354.

Weeks, Lyman H[orace] (1882): *Among the Azores*, Boston: James R. Osgood and Company.

Guide (2013) = «Guide to the Lyman H. Weeks papers, ca. 1919-ca. 1934, MSSCol 3261», The New York Public Library Manuscripts and Archives Division, in: <http://archives.nypl.org/mss/3261> (última consulta: 2 de janeiro de 2018).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL, PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020. VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL.

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO

44. RONALDO PINHEIRO ROCHA, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, BRASIL



RONALDO PINHEIRO ROCHA.

por ACS — publicado em 25/01/2012 00:00 JUIZ DO TJDFT LANÇA SEU PRIMEIRO LIVRO NO PARANÁ

TEMA 1.1. PORTUGAL VENTUROSO, RONALDO PINHEIRO ROCHA

A transposição dos séculos XV para XVI foi tempo de felicidade perfeita na Lusitânia. Lusitânia dos intrépidos homens, nossos antepassados, a enfrentar, com bravura, os perigos e mistérios do mar Tenebroso, possivelmente na busca do que já lhe pertencia por direito consagrado no Tratado de Tordesilhas: a Ilha mítica chamada de "Hy Brazil". E não é por acaso que Portugal foi agraciado com esta Ilha encantada, que povoava o imaginário medieval como plaga abençoada. Abençoada não somente pela etimologia – Brasil tem origem Celta, "bress", derivada do Inglês: "to bless", abençoar. Nem abençoada, consoante se verificou mais tarde, por Nossa Senhora da Esperança. É que se dizia, com muita propriedade, à época: "Ultra equinoxialem non peccatur". Por óbvio, não se pode conceber pecado onde pureza e inocência são marcas indeléveis do espírito de seus habitantes.

Após várias e grandiosas conquistas além-mar, Portugal, do Tejo, presenciou a partida de um dos seus filhos mais ilustres, numa segunda-feira de 9 de março de 1500, em demanda de Calecute. Para esta única missão, Pedro Álvares Cabral, rebento dileto da singular Belmonte, foi indicado por Vasco da Gama ao Rei Venturoso Dom Manoel. Devoto fervoroso de Nossa Senhora da Esperança, Cabral levou consigo a imagem da sua protetora com o Menino Jesus em seu braço esquerdo como a vaticinar, apontando para a pomba

* Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), investigador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP).

pousada no braço direito de Nossa Senhora, um possível porvir de paz e ventura para a nação de Camões, hoje, a irmanada comunidade lusófona. Mas... eis que, nessa senda e a meio caminho, Cabral contribuiu significativamente para assinalar o início da Idade Moderna ao ancorar em Porto Seguro de "Hy Brazil", julgando estar no espaço em que se situa atualmente Brasília, a Capital da Esperança, onde, para veneração, há réplica da imagem de Nossa Senhora da Esperança.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

45. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA, S MIGUEL, AÇORES AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE, CONVIDADA DE HONRA AICL



SEIA 2014

MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE

Licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores. Pós-graduada em "Proteção de Menores – Prof. F. M. Pereira Coelho" pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade dos Açores. Mestre em Língua e Literatura Portuguesas, vertente Literatura Infantojuvenil, pela Universidade dos Açores. É técnica superior do quadro de pessoal da Direção Regional da Solidariedade e Segurança social, em Ponta Delgada. Já publicou diversos contos infantis, diversos artigos em revistas e jornais e já foi coordenadora editorial de uma revista e de vários livros de Atas.⁹

⁹ BIBLIOGRAFIA

- 2002, "A Denuncia é certamente uma atitude apoiada" – Açoriano Oriental – 8 de março de 2002.
- 2003, "Cada pessoa vive a sua sexualidade" – Açoriano Oriental – 9 de maio de 2003;
- 2003, "Discriminação Positiva nos Açores em Diploma do Governo Regional", *Notícias* – CIDM – Presidência do Conselho de Ministros – abril de 2003;
- 2003, Lutando pelos direitos das mulheres nos Açores" – in *As Mulheres nos Açores e nas Comunidades* – Rosa Simas – 2003;
- 2003, "Intervenção de Abertura" – in *Igualdade de Oportunidades no Trabalho e no Emprego* – CCRDM – SRAS – maio 2003;
- 2003, "8 de março, porquê?" – Correio dos Açores – 8 de março de 2003;
- 2004, "Nota de abertura" do Livro *História da Problemática das Mulheres nos Açores*, de Ana Isabel Sousa, Edição da Autora, 2004;
- 2004, "Violência contra a mulher: não podemos ignorar" – Correio dos Açores – 25 de novembro de 2004;
- 2004, Abordagem à importância de um debate sobre a família" – Açoriano Oriental – 15 de setembro de 2004;
- 2004, "O Serviço de apoio domiciliário", Revista da Segurança Social – 2004;
- 2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1^a ed. Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,
- 2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, ed. DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades e Almeida, Natália, 2005, Diferentes. iguais em direitos. Demonstra! ed. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
- 2005, "Por uma maioria esquecida" – Correio dos Açores – 22 de janeiro de 2005;
- 2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, ed. Instituto Ação Social
- 2006, "A Importância do voluntariado nas sociedades contemporâneas", in *20 Anos de interajuda* – Liga dos Amigos do Hospital de Ponta Delgada - dezembro de 2006;
- 2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa, Edição da Associação de Paralisia Cerebral de São Miguel – (Esgotado); Margarido, Susana Teles. 2007, *Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores*, il. André Laranjinha, - (2.ª Edição); Ponta Delgada, ed. Artes E Letras
- 2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2^a Ed. Junta de Freguesia de Rabo de Peixe
- 2008, Definir Conceitos – Esclarecer Dúvidas", *Uma Oportunidade para a Igualdade*, Revista IAS n.º 1 – janeiro de 2008;

POESIA NO FUNDÃO 23º COLÓQUIO 2015 https://www.youtube.com/watch?v=T8sD_x0oTO8&index=80&list=PLwjUyRyOUwOKyMkalepZif1C_4tvtkRI
VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #26 EM <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>



GRACIOSA 2015



21º colóquio da lusofonia, moinhos de porto formoso 2014]



GRACIOSA 2015

**SÓCIA DA AICL - APRESENTA LIVRO DE RAMOS-HORTA E PAT RICH, [VER AQUI](#)
PARTICIPOU NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, VILA DO PORTO 2017**

2008, «Violeta», um Projeto para sempre...”, *Uma Oportunidade para a Igualdade*, Revista IAS n.º 1 – janeiro de 2008;
2008, Literatura Infantil: uma via para o sucesso”, *Crianças e Jovens em Risco*, Revista IAS n.º 2 – novembro de 2008;
2009, coordenação editorial, REVISTA Instituto de Ação Social (até ao dia 30 de setembro de 2009);
2009, Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, ed. Livro Direto
2009, De outra cor, com Marília Ascenso e Fedra Santos, ed. SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades
2009, Um natal encantado, Maia, ed. Livro Direto
2009, Sou diferente, sou fantástico, com Marília Ascenso e Fedra Santos, ed. SRTSS, DRIO (Direção Regional da Igualdade de Oportunidades e da Direção Regional da Educação e Formação Profissional)
2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, ed. SRTSS, DRIO, Edição da Direção Regional da Igualdade de Oportunidades –
2010, membro do conselho editorial do programa «VIDAS», em transmissão semanal da RTP-Açores, em 2010 (um programa sobre o Direito à Igualdade).
2010, O anjo do lago, com Fedra Santos, Maia, ed. Livro Direto
2010, Afinal, o que é a solidão? Uma tentativa de definição!”, *Atualidade*, Revista IAS n.º 3 – março de 2010;
2011, Minha querida avó. ed. Livro Direto
2015, Mundos maravilhosos nos Contos de Sophia, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundão
2015, A literatura infantil no desenvolvimento, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundão
2015, SAHAR, a rapariga do véu, Ponta Delgada, Letras Lavadas

29º COLÓQUIO DA LUSOFONIA - 2018
BELMONTE
27 - 30 MARÇO

29º COLÓQUIO DA LUSOFONIA - 2018
BELMONTE
27 - 30 MARÇO

29º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 27-30 março 2018 Belmonte, Portugal

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

ASSOCIAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL - NIPC 509 663 133

BELMONTE Câmara Municipal

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

belmonte sinai ***

ACORES Governo dos Açores

sata

cultura Governo dos Açores

Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2018